

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Denilton José Ribeiro de Oliveira

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO E VERSÃO CRISTÃ DO COACHING:
ESTUDO COMPARATIVO**

**São Paulo
2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Denilton José Ribeiro de Oliveira

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO E VERSÃO CRISTÃ DO COACHING:
ESTUDO COMPARATIVO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dr. Valdeci Santos.

São Paulo
2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O048a Oliveira, Denilton Jose Ribeiro De.
Aconselhamento bíblico e versão cristã do coaching: estudo
comparativo : [recurso eletrônico] / Denilton Jose Ribeiro de Oliveira.
1054 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2023.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Valdeci Santos.
Referências Bibliográficas: f. 56-58.

1. Aconselhamento Bíblico. 2. Coaching Cristão. 3.
Aconselhamento Cristão. I. Santos, Valdeci, *orientador(a)*. II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Denilton José Ribeiro de Oliveira

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO E VERSÃO CRISTÃ DO COACHING:
ESTUDO COMPARATIVO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (MDiv) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dr. Valdeci Santos.

Aprovação 11/01/2023

Orientador: Professor: Dr. Valdeci Santos

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Denilton José Ribeiro de Oliveira**

Programa: Magister Divinitatis, MDiv, na área de Estudos Pastorais

Título do Trabalho: Aconselhamento Bíblico e Versão Cristã do *Coaching*: Estudo Comparativo

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Dedico primeiramente este trabalho a Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo, conforme ensina o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 10.31.

Dedico também este trabalho à minha família que, pacientemente, compreendeu minha ausência em vários momentos enquanto despendia tempo nessa pesquisa.

Meus agradecimentos ao professor Dr. Valdeci Santos que com muita paciência me orientou nesse trabalho. Agradeço também aos demais professores do CPAJ, que contribuíram imensamente para o meu crescimento intelectual através da sugestão de obras de grosso calibre e profundidade inigualáveis.

Julgai todas as coisas, retende o que é bom; (1 Tessalonicenses 5.21)

RESUMO

Este trabalho aborda de forma comparativa a versão cristã do *coaching* e o aconselhamento bíblico. Analisando parte a parte cada um dos segmentos, vem mostrar as aproximações e distanciamentos deles em relação às Escrituras, visando esclarecer sobre o uso ou não dessas metodologias no meio eclesiástico.

Palavras-chave: coaching cristão; aconselhamento bíblico; teologia.

ABSTRACT

This academic work compares the Christian version of coaching and biblical counseling. By analyzing every aspect of both approaches, the study assesses them in light of Scripture, pointing divergences and convergencies with the Bible. The study aims to clarify if these methodologies are suitable to be applied on the Christian church's setting.

Keywords: Christian coaching; biblical counseling; theology.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	2
1.1 – Justificativa.....	2
1.2 – Problema.....	2
1.3 – Delimitação do Tema.....	3
1.4 – Metodologia.....	4
1.5 – Definição de Termos.....	4
1.5.1 – <i>Coaching</i>	5
1.5.2 – Versão Cristã do <i>Coaching</i>	6
1.5.3 – Aconselhamento Cristão.....	7
1.5.4 – Aconselhamento Bíblico.....	8
1.6 – Organização do Argumento.....	9
2 – ACONSELHAMENTO BÍBLICO.....	10
2.1 – Fundamentos, Características e Desafios do Aconselhamento Bíblico.....	10
2.1.1 – Autoridade das Escrituras.....	10
2.1.2 – Submissão às Escrituras.....	11
2.1.3 – Cristocentricidade.....	12
2.1.4 – Transformação.....	13
2.1.5 – Exercício da Empatia e do Amor.....	14
2.1.6 – Esperança como Realidade.....	15
2.1.7 – Despojamento e Revestimento.....	16
2.1.8 – Prática Bíblica.....	17
2.1.9 – Desconforto.....	18
2.1.10 – Perspectiva Eterna.....	19

2.2 – Características Necessárias ao Conselheiro Bíblico.....	20
3 – PRINCÍPIOS DA VERSÃO CRISTÃ DO COACHING E SUAS	
APLICAÇÕES.....	23
3.1 – Objetivos.....	23
3.2 – Estrutura.....	24
3.3 – O Coração do <i>Coach</i>	27
3.4 – Transformação.....	29
3.5 – Responsabilidade.....	30
3.6 – O Papel do <i>Coach</i>	32
3.7 – Conflito e Capital Relacional.....	35
3.8 – Tomada de Decisões.....	36
3.9 – Destino.....	37
4 – ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA VERSÃO CRISTÃ DO COACHING À	
LUZ DAS ESCRITURAS.....	39
4.1 – Objetivos.....	39
4.2 – Estrutura e Transformação.....	40
4.3 – O Coração do <i>Coach</i>	41
4.4 – Responsabilidade.....	42
4.5 – O Papel do <i>Coach</i>	44
4.6 – Conflitos e Capital Relacional.....	44
4.7 – Tomada de Decisões.....	45
5 – SIMILARIDADES E DISPARIDADES DA VERSÃO CRISTÃ DO	
COACHING FRENTE AO ACONSELHAMENTO BÍBLICO.....	47
5.1 – Perguntas Poderosas.....	47
5.2 – Público-Alvo.....	47
5.3 – O Tempo.....	48

5.4 – As Falhas.....	48
5.5 – Os Diálogos.....	49
5.6 – Escrituras.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
CONCLUSÕES.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
GLOSSÁRIO.....	59
ANEXOS.....	60

1 - INTRODUÇÃO

Aconselhar pessoas e ajudá-las em seus sofrimentos, necessidades e anseios nunca foi uma tarefa fácil. No entanto, contribuir com os desafios de vida das pessoas e favorecer seu crescimento tem se tornado um grande desafio. Por outro lado, justamente diante das demandas existenciais e sociais cada vez mais urgentes, pessoas em todo o mundo têm recorrido à ajuda de conselheiros, na tentativa de dissipar parte de suas adversidades diárias e investir em seus potenciais humanos.

1.1 – JUSTIFICATIVA

Esse trabalho acadêmico é importante porque vem esclarecer, através de um estudo comparativo, as disparidades e similaridades entre a versão cristã do *coaching* e o aconselhamento bíblico. O *coaching* vem sendo introduzido no meio cristão com o objetivo de enriquecer o aconselhamento pastoral. Pesquisas até o momento vem afirmar apenas as contribuições do *coaching* para o aconselhamento pastoral, sem levar em conta uma doutrina extremamente importante para o contexto cristão, a suficiência das Escrituras. Essa doutrina defende que a Bíblia é capaz de responder às demandas físicas, emocionais e espirituais do ser humano.

Uma das contribuições desse estudo será discutir ponto a ponto as características do aconselhamento bíblico e sua concorrente, a versão cristã do *coaching*, bem como as implicações dessas metodologias para a igreja e a vida dos cristãos. Outra contribuição desse trabalho é criar uma visão crítica sobre o tema para discussões acadêmicas futuras, bem como facilitar a incorporação ou não dessa metodologia no aconselhamento cristão.

1.2 – PROBLEMA

A versão cristã do *coaching* é compatível com a doutrina da suficiência das Escrituras tanto quanto o aconselhamento bíblico? O *coaching* tem trazido para dentro da esfera eclesial a ideia de que o cristão, através de técnicas, métodos e disciplina, pode alcançar seus sonhos, objetivos e ideais, sem que isso passe pela misericórdia e graça de Deus, tornando a criatura a provedora e a detentora final de todo o seu destino, desvirtuando princípios bíblico-teológicos

e a própria interpretação bíblica para o aconselhamento bíblico-cristão. A solução para este problema está na completa e correta compreensão dessa metodologia que avança para dentro dos gabinetes pastorais.

1.3 – DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esse trabalho fará um estudo comparativo da versão cristã do *coaching* e do aconselhamento bíblico com base nas Escrituras. Não se debruçará sobre questões fora do escopo teológico-cristão, uma vez que o *coaching* já é utilizado no meio empresarial e profissional.

De início, essa análise abordará o uso dos termos da versão cristã do *coaching* e suas derivações, defendido por obras de vários autores, bem como o aconselhamento bíblico será apresentado nos mesmos termos. A seguir, o estudo se debruçará sobre os princípios do *coaching*, em sua versão cristã, e suas aplicações, discutindo, inclusive, o posicionamento de alguns autores frente à algumas doutrinas da teologia reformada. Pelo fato da teologia reformada se basear na suficiência das Escrituras, essa proposta também analisará os princípios da versão cristã do *coaching* pelas lentes das Escrituras, como forma de dirimir possíveis equívocos. Nesse sentido, esse trabalho acadêmico também apresentará as similaridades e disparidades da versão cristã do *coaching* e o aconselhamento cristão, afim de produzir uma boa compreensão dessas metodologias.

1.4– METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa será um estudo comparativo¹ e buscará seguir alguns passos importantes: a) identificação e seleção de artigos, teses e livros a respeito do tema; b) identificação e separação temática dos conteúdos; c) organização e eliminação de conteúdos secundários; d) construção de similaridades e disparidades em relação aos textos bíblicos; e) produção de conteúdo.

¹ Oliveira, Ivan Carlo Andrade de. Introdução à metodologia científica. Pará de Minas: Virtualbooks, 2011. p. 15

A abordagem ainda contará com informações coletadas ao longo de um curso *online* de *coaching* destinado a pastores e líderes cristãos, visando destacar o aspecto prático dessa nova metodologia².

1.5– DEFINIÇÃO DE TERMOS

Os termos principais usados nesse trabalho serão *coaching*, versão cristã do *coaching*, aconselhamento cristão e aconselhamento bíblico. Para tanto, vários autores definem esses termos por óticas diferentes, que serão mostrados adiante.

1.5.1 - *Coaching*

Por volta do século XVI, o termo *coach* era usado na Europa para se referir aos “cocheiros”, pessoas que conduziam as carruagens levando passageiros de um lugar para outro. Mais tarde, o termo passou a significar um tutor de alunos nas universidades inglesas, cujo objetivo era ajudar os estudantes a se prepararem para exames universitários, até que passou a contribuir para o crescimento profissional³.

A *Enciclopedia del coaching*, afirma que as origens do *coaching* remontam ao período pós-guerra, quando havia uma sensação de otimismo, empoderamento e foco no futuro. Assim, a psicologia, representada por Abraham Maslow e Fritz Perls, preencheu o vazio deixado pela igreja⁴. Maslow procurou enfatizar as virtudes dos seres humanos em vez de suas falhas, concentrando-se na solução e não no problema⁵. Ele também afirmou que os princípios gerais do *coaching* são: consciência, responsabilidade, confiança em si mesmo, sem culpa, foco apenas em soluções, desafio, ação, confiança e autoaprendizagem.

² LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

³ MINOR, Marianne. *Coaching e aconselhamento: um guia prático para gerentes*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997. P. 2.

⁴ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. P. 26.

⁵ WILSON, Carol. *Enciclopedia del coaching: Una guida completa alle migliori pratiche del coaching e della formazione*. Frosinone: Phasar Edizione, 2011. p. 30-31.

Leandro N. Cristo, autor de *Coaching e Mentoring*, por outro lado, define *coaching* como:

“um processo dialógico de desenvolvimento humano pautado na clareza de objetivos, elevação do nível de consciência, aprendizagem transformacional, percepção de potencial e aumento de performance, orientados para produção de resultados extraordinários em um menor espaço de tempo”⁶

Percebe-se que o foco do *coaching* em sua forma primária está nos resultados a serem alcançados. Tais resultados demandam tempo e dedicação pois como a própria definição enfatiza, é preciso aprender, perceber para depois reorganizar a performance. Marianne Minor, autora de *Coaching e Aconselhamento*, reforça esse conceito ao descrevê-lo no âmbito profissional como:

“Processo diretivo desenvolvido pelo gerente, a fim de treinar e orientar um empregado de acordo com as realidades do ambiente de trabalho e ajudá-lo a eliminar os obstáculos para um desempenho profissional ótimo”⁷

No entanto, o *coaching* em um ambiente de igreja adquiriu outras definições.

1.5.2 – Versão Cristã do *Coaching*

A versão cristã do *coaching* vem para aperfeiçoar as habilidades e desenvolver no líder cristão uma filosofia de *coaching* mais coerente com princípios bíblicos⁸. Stoltzfus afirma que essa metodologia exige tempo para o aprendizado, que as pessoas sejam saudáveis, demanda transformação de coração e o apoio de um treinador profissional, também conhecido como *coach*. A finalidade é a internalização e adoção do coração de Deus, ouvir a voz de Jesus⁹, abrindo espaço para a ação do poder divino visando a transformação de vidas, mas mantendo a liberdade de escolha dos clientes, também chamados de *coachees*¹⁰. O *coaching* na perspectiva da igreja também é visto como uma

⁶ CRISTO, Leandro Nascimento. *Coaching e mentoring: o caminho para resultados extraordinários*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. P. 11-12.

⁷ MINOR, Marianne. *Coaching e aconselhamento: um guia prático para gerentes*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997. P. 2.

⁸ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de Liderança: As disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coaching Plastform, 2015. p. 61

⁹ UMIDI, Joseph. *Jesus the master coach*. Virginia: Lifeforming Institute, 2019. p. 26. Tradução nossa.

¹⁰ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de Liderança: As disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coaching Plastform, 2015. p.11, 18, 28, 62, 88, 91, 136.

missão de servir ao próximo¹¹, não uma profissão, mesmo que seja reconhecida e classificada como¹², embora, em termos gerais, seja um processo terapêutico que ocorre entre o *coach* e o *coachee* visando alcançar um novo patamar¹³. Todo esse processo leva em conta a soberania de Deus sobre seus servos¹⁴, pelo menos em termos teóricos, haja visto que a metodologia é mais antropocêntrica do que teocêntrica.

Através de uma lente humanista, Tibola & Barboza, em *Líder Coach Cristão*, veem o *coaching* como:

uma metodologia embasada em conhecimentos científicos de diversas áreas, que através de ferramentas e técnicas, impulsiona a pessoa a atingir grandes resultados em qualquer área de sua vida, seja espiritual, ministerial, familiar, profissional, financeira, entre outras.¹⁵

Luis Lindner, instrutor do curso de *coach* para pastores e líderes cristãos, está muito próximo de Minor, descrevendo o *coaching* como um processo produzido pelo *coach* cujo propósito é facilitar e apoiar o *coachee*¹⁶ no alcance de suas metas e objetivos¹⁷, bem distante do que propõe o aconselhamento bíblico e mais dialógico em relação ao aconselhamento cristão.

1.5.3 – Aconselhamento Cristão

Passando para as definições de aconselhamento, é necessário, citar o movimento integracionista que, diferentemente, da visão estritamente bíblica, entende que as mais diversas áreas do conhecimento humano podem ser integradas ao aconselhamento¹⁸. Vários expoentes fazem parte desse movimento, dentre eles, Gary Collins, doutor em Psicologia, que aborda em suas

¹¹ LUONG, N. V. A.; WESTCOTT, T. G. Coaching as a model for pastoral leadership. *Word & World*, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 349–357, 2015. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLAn3816322&lang=pt-br&site=ehost-live>. P. 350-351. Acesso em 15 de outubro de 2021.

¹² FONSECA, Raquel; MATTEU, Douglas De. *Os segredos do coaching cristão*. São Paulo: Literare Books International, 2017. P. 12.

¹³ FONSECA, 2017, p. 13.

¹⁴ ROCHA, 2016, p. 98. Embora o trecho tenha redundâncias verbais, optou-se pela fidelidade ao texto da referida obra.

¹⁵ TIBOLA, Egber; BARBOZA, Maurílio. *Líder coach cristão*. Santa Maria: Rede de Empreendedores, 2020. P. 62.

¹⁶ Os termos “*coach*” pode ser traduzido como “treinador”, enquanto que “*coachee*” pode ser entendido como “aquele que recebe o coaching”, cf. WILSON, Carol. *Enciclopedia del coaching: Una guida completa*.

¹⁷ LINDNER, Luis. *Professional integrative systematic coaching*. Apostila de Treinamento Coaching. P. 3.

¹⁸ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. *Nada além das escrituras*. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.95

obras, inclusive, o *coaching*, o qual, afirma ele, é a arte e a prática de guiar uma pessoa ou um grupo a partir do ponto em que se encontram em direção à maior competência e realização de seu desejo¹⁹. A consciência de si mesmo promovida pelo *coaching* mostra que:

O *coach* oferece um espaço onde os clientes podem descobrir o conhecimento que já possuem dentro deles, mas que pode ter sido obscurecido pela interferência criada pelo medo ou confusão. Ou por limitações impostas pelos objetivos de outras pessoas.²⁰

Naturalmente, há muito apreço pelas ciências sociais devido ao descrédito à doutrina da suficiência das Escrituras, corroborada pela crescente multiplicação de terapias e metodologias. Dentro da prática do aconselhamento cristão, muitos conselheiros veem os ensinamentos das ciências sociais como verdade no mesmo nível da Bíblia²¹.

A *APA (American Psychological Association)* entende que o aconselhamento é profilático, ou seja, preventivo, enquanto que a psicoterapia possui um caráter mais profundo²². Eles até inferem que a Escritura nunca reivindicou tal exclusividade como diz Collins:

A palavra de Deus nunca reivindica ter todas as respostas para todos os problemas da vida. Existe certamente muito conhecimento moderno, desconhecido nos dias de Jesus e de Paulo, que foi dado por Deus para nos ajudar a ministrar uns aos outros e servir a Cristo de forma mais eficaz²³.

Wadislau Gomes, teólogo especializado em aconselhamento, responde a isso dizendo que:

“Quando aprendemos da psicologia, temos o direito de concordar com aquilo que homens de gênio, banhados pela graça comum de Deus, observaram. Mas temos o dever de fazê-lo criticamente à luz da Escritura, sabendo como redimir suas observações de modo teológico”²⁴.

A ponderação feita por Gomes não deve ser entendida como uma inclinação para o integracionismo, mas sim, uma visão pautada nas Escrituras, onde homens inspirados escreveram, dentre eles, o apóstolo Paulo, aconselhando a

¹⁹ STOLZFUS, Tony. *Coaching de Liderança: As disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coaching Plastform, 2015. p.21

²⁰ WILSON, Carol. *Enciclopedia del coaching: Una guida completa alle migliori pratiche del coaching e della formazione*. Frosinone: Phasar Edizione, 2011. p. 35.

²¹ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Tradução Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. P.65.

²² SCHEEFFER, Ruth. *Aconselhamento psicológico*. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 1989. P. 17

²³ COLLINS, Gary R.. *Can you trust psychology?* Downer's Grove: InterVarsity Press, 1988. P. 91

²⁴ GOMES, Wadislau Martins. *Aconselhamento redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 11.

julgar todas as coisas e a reter o que é bom. Quanto a isso, o aconselhamento bíblico destaca-se no trato das demandas humanas.

1.5.4 – Aconselhamento Bíblico

O aconselhamento bíblico consiste em ministrar as Escrituras para aqueles que enfrentam problemas ou que desejam a sabedoria e a orientação de Deus²⁵. Trata-se do cuidado com as almas das pessoas, principalmente no contexto da igreja e debaixo da autoridade da Bíblia²⁶. É na igreja local que os crentes em Cristo, habitados, capacitados e guiados pelo Espírito Santo, ensinam a outros a Palavra viva e ativa de Deus, buscando evangelizar os perdidos e ensinar os salvos²⁷.

A prática do aconselhamento bíblico, com vista a cuidar das pessoas em sua integralidade, fundamenta-se exclusivamente nas Escrituras. Consequentemente, esse embasamento culmina no exercício da empatia e do amor, na geração de esperança e transformação. Toda gama desses sentimentos vem por meio da cristocentricidade, da submissão à Bíblia, bem como da prática do que é aprendido durante o aconselhamento.

1.6– ORGANIZAÇÃO DO ARGUMENTO

A organização dos argumentos nesse trabalho se fará com base em argumentos de autoridade, pois a metodologia da pesquisa será um estudo comparativo, citando, inclusive, textos bíblicos, que embasam toda argumentação teológica. Ainda que haja resistência à argumentação teológica pelo fato do conhecimento não ser construído pela observação, mas revelado, ainda sim, esta proposta acadêmica assumirá a Bíblia como argumento de autoridade, baseada na fé e por conter verdades eternas.

No que tange à estruturação da argumentação, esse estudo construirá as afirmações, partindo de descrições e conceituações de cada subtema, seguidas

²⁵ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 8

²⁶ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 20

²⁷ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 89

de argumentos de autoridade que apoiam o mote e também argumentos que o contestam, se existirem, findando com a análise do autor desse trabalho. Para tanto, essa monografia avançará apresentando as características do aconselhamento bíblico.

2 – ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Este capítulo abordará os fundamentos, características e desafios do aconselhamento bíblico, visto anteriormente como sendo o aconselhamento baseado exclusivamente nas Escrituras. Entretanto, para que essa metodologia se torne eficiente, o conselheiro precisa ter as características necessárias para o desempenho dessa atividade, como será complementado adiante.

2.1 – FUNDAMENTOS, CARACTERÍSTICAS E DESAFIOS DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O aconselhamento bíblico, discutido em algumas obras citadas nesse estudo, possui diversos fundamentos, características e desafios propostos pelos autores, os quais, muitas das vezes, tratam de temas convergentes. Para maior clareza, esse trabalho apresentará o aconselhamento bíblico, resumidamente, através de quatro fundamentos, quatro características e dois desafios, visando ressaltar o que há de comum nessa metodologia, que, como próprio nome sugere, baseia-se nas Escrituras.

2.1.1 – Autoridade das Escrituras

Tanto o aconselhamento bíblico, quanto o aconselhamento cristão se apoiam em bases dissonantes. Enquanto o aconselhamento cristão lança mão de inúmeras fontes humanistas na tentativa de encontrar a fonte do problema, o aconselhamento bíblico fundamenta-se numa interpretação exclusivamente bíblica do problema²⁸. Essa fundamentação ocorre no contexto da igreja e debaixo da autoridade das Escrituras, onde o problema sempre residirá no homem, a saber, o pecado, que no cristão é remanescente e no não-cristão um dominador. A busca pela solução bíblica se assenta na convicção de que se o problema for intuído em termos bíblicos, a solução também será²⁹.

²⁸ EMLET, Michael R. Conversa cruzada. Traduzido por Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 99. BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 98

²⁹ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.46

O teólogo John MacArthur, autor de *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*, defende a autoridade das Escrituras como fundamento para o aconselhamento, afirmando que:

Os esforços ilegítimos da psicologia não podem chegar a conclusões absolutas sobre a vida, já que, em essência, psicologia nada mais é do que um homem falível dizendo a outro homem falível o que ele deve fazer. A arrogância sobeja nesse tipo de ambiente. Apenas a Palavra de Deus divinamente inspirada tem a autoridade para fazer isso³⁰.

Percebe-se que as conclusões de MacArthur partem da capacidade dos autores quanto ao conhecimento. De um lado, o conhecimento humano falível, do outro a revelação do Espírito Santo, que, segundo a doutrina cristã, é infalível e transformadora. A autoridade das Escrituras sobrepuja todo o conhecimento humano sobre si mesmo pelo simples fato de que a verdade ensinada é atemporal e eterna. Mais uma vez, está posto diante do conselheiro e aconselhado, o desafio de confiar no diagnóstico e solução apontados pelas Escrituras. Nesse ponto, o requisito exigido é a fé, ou seja, o alicerce sólido que sustenta qualquer coisa que faça a vida digna de ser vivida. Essa fé conduz ao exercício da confiança nas orientações bíblicas, que demandam uma postura firme do aconselhado.

2.1.2 – Submissão às Escrituras

A submissão à Palavra de Deus traz consigo outro ponto fundamental do aconselhamento bíblico³¹, o de ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça. Neste, o conselheiro bíblico ensinará o que as Escrituras têm a dizer sobre os problemas enfrentados, sob uma ótica, talvez, até então não considerada pelo aconselhado, e muito menos o diagnóstico será próximo dos coletados, porventura, em consultórios de psicologia. Em outros termos, as Escrituras têm competência operacional da qual se extrai autoridade funcional e final para diagnosticar o pecado e a solução, passando por uma postura determinante para solução.

³⁰ MACARTHUR, John. *Introdução ao aconselhamento bíblico*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. P. 106

³¹ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. *Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas*. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 20

A seguir, da submissão às Escrituras, dentre outros, surgirá a necessidade de arrependimento, postura determinante, para as mais diversas áreas da vida, sempre permeadas por confissão, perdão, abandono de pecado³². Esse arrependimento provém da repreensão feita pelas Escrituras, que logo a seguir traz a correção, ou seja, a retificação do errado em prol do certo. Se o processo findar nesse ponto, a reincidência torna-se uma possibilidade. As Escrituras ensinam que o antídoto está na educação na justiça, ou seja, na instrução e edificação, de modo que a Bíblia se torne parte da vida do aconselhado, ou seja, uma prática constante. Como dito anteriormente, o conselheiro não só deve mostrar o que não se deve fazer como também apontar para o que se deve fazer, orientando-se pelos ensinamentos de Cristo.

2.1.3 - Cristocentricidade

Um outro fundamento para o exercício do aconselhamento bíblico pode ser chamado de cristocentricidade, ou seja, a certeza de que todo ensino das Escrituras apontarão para uma única pessoa, a pessoa de Jesus Cristo³³. Jesus é anunciado nas Escrituras como o maravilhoso conselheiro, que ajudou, fortaleceu e aconselhou seu povo durante os três anos em que exerceu sua atividade de mestre judeu. Para doutrina cristã ele é o modelo, ele é a meta de todo aquele que se diz seu discípulo. Para tanto, os que aconselham devem ser propositada e exaustivamente cristãos em sua perspectiva de vida³⁴.

No entanto, um dos grandes desafios enfrentados pelos conselheiros bíblicos reside no conhecimento superficial da pessoa necessitada em relação a Cristo e seus ensinamentos. Ainda que o conselheiro faça o papel de intérprete das Escrituras e de propositor de soluções para o aconselhado, o progresso desse suporte alcançará sucesso na medida do comprometimento da pessoa com os ensinamentos de Jesus. Os preceitos cristãos enfatizam que tal busca em

³² HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.262-263

³³ PIERRE, Jeremy. O pastor e o aconselhamento: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. São Paulo: Editora Fiel, 2015. P. 139.

BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 93.

³⁴ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.43

assemelhar-se a Jesus passa, inevitavelmente, pela direção e vivificação dada pelo Espírito Santo. Quando o compromisso de mudança é assumido nos moldes propostos pelas Escrituras, conselheiro e aconselhado, orientados pela Terceira Pessoa da Trindade, são encorajados a confiarem na autoridade da Bíblia e colherem bons resultados dessa escolha. Em suma, o conselheiro deve deixar claro ao aconselhado que tudo depende da ação do Espírito Santo.

2.1.4 - Transformação

A ação do Espírito Santo é outro fundamento para a transformação do aconselhado, que acontece em dois momentos³⁵. Primeiramente, o problema é corretamente definido em termos bíblicos, gerando um segundo momento no qual o Espírito Santo age através da Palavra para produzir a mudança necessária³⁶, descrita como arrependimento advindo da submissão às Escrituras. Ao contrário das teorias e práticas comportamentais, a doutrina cristã entende que a obra do Espírito Santo é do interior para o exterior, sendo que seu trabalho é santificador por meio da Bíblia. Howard Clinebell, autor de *Aconselhamento Pastoral*, propõe que essa transformação possa se beneficiar ainda mais quando o aconselhamento é feito em grupos, pois várias pessoas são trabalhadas ao mesmo tempo, além da troca de contribuições ser maior, também é facilitadora no que tange à presença de pessoas que, no formato individual de aconselhamento, não se dispõem a estar presentes³⁷. Enquanto o aconselhado coopera com Deus, Ele o capacita a se parecer, cada vez mais, com Jesus. Parecer-se com Jesus para alguns aconselhados pode soar como um objetivo inalcançável, uma vez que a consciência de suas fraquezas supera a fé que professam ter. A transformação acontece na medida da consciência da incapacidade humana e na certeza da ação transformadora produzida pela Terceira Pessoa da Trindade. É preciso lembrar que o aconselhamento bíblico não se adapta ao aconselhado, como no caso da versão cristã do *coaching*, mas

³⁵ GOLDSWORTHY, GRAEME. Pregando toda a bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013. p. 108

³⁶ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 104.

³⁷ CLINEBELL, Howard. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal, 1987. P. 342-343.

o aconselhado é desafiado a se adaptar às proposições bíblicas.

O desafio do aconselhamento proporcionado pelo povo de Deus de não estar, de forma nenhuma, ligado às teorias e práticas das “ciências” do comportamento³⁸ permanece, conquanto estejam atentos às exortações vindas das Escrituras. O bom êxito dessa transformação só acontece quando são conduzidas pela Terceira Pessoa da Trindade, aproximando conselheiro e aconselhado através do exercício de uma característica importantíssima no aconselhamento bíblico, o exercício da empatia e amor.

2.1.5 – Exercício da Empatia e Amor

Ao contrário das práticas humanísticas como psicologia, psiquiatria, serviço social, o aconselhamento bíblico tem por caracter o exercício da empatia e do amor bíblicos como marcas de distinção no trato com as pessoas³⁹. Para Mihály Szentimártoni, em sua obra *Caminhar Juntos*, a empatia é a capacidade de perceber o mundo particular e os sentimentos do outro, comunicando-lhe esta compreensão⁴⁰. Dentro do mesmo tema, o autor afirma que a empatia pode ser comparada ao conceito do *ágape*⁴¹. Essa palavra, de origem grega, com respeito às pessoas, significa receber com alegria, acolher, gostar muito de, amar ternamente⁴². Entretanto, dentro da doutrina cristã a empatia, por vezes, é substituída por compaixão, que reafirma a proximidade entre as partes no aconselhamento. A compaixão ou empatia possui dentro de seu bojo a prática da escuta. Essa prática, precisa atentar para a necessidade de se coletar informações substanciais e consistentes a respeito do aconselhado antes de qualquer proposição ou diagnóstico, uma vez que tal carência pode resultar em aumento de dificuldades ao invés de alívio, como acontece em outras metodologias.

Em contraste a isso, os consultórios frios, os procedimentos mecânicos,

38 BABLER, ELLEN; 2016, p.20.

39 HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.130

40 SZENTIMÁRTONI, Mihály. Caminhar juntos: psicologia pastoral. São Paulo: Loyola, 2001. P.54

41 SZENTIMÁRTONI, 2001. P.54

42 STRONG, James, [Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong](#) (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

as conversas provocadas, as receitas sem vida são as marcas registradas dos consultórios das ciências psicológicas. Mas, por que muitas pessoas ainda procuram psicólogos em vez de pastores? Simplesmente porque um procedimento mecânico, uma conversa incisivamente técnica e uma receita com uma prescrição de solução não exigem do paciente um compromisso profundo, uma dedicação constante, uma confissão de pecados, uma mudança de dentro para fora.

Como dito anteriormente, o aconselhamento bíblico se baseia, dentre outras coisas, no amor ao ser humano, amor bíblicamente fundamentado. Na doutrina cristã, amar ao próximo como se ama a si mesmo faz toda diferença. O conselheiro deve responder empaticamente em sintonia com os sentimentos e assuntos verdadeiramente significativos para o aconselhado, ou seja, a consequência imediata do amor ao próximo é a empatia, que é o sentir com o outro, alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram. Os resultados são variados, pois o conselheiro é um amigo e um irmão da fé dentro do contexto cristão. Essa característica conduz ao despertar da esperança.

2.1.6 – Esperança Como Realidade

Outra característica do aconselhamento bíblico é que, independente das dificuldades enfrentadas, a esperança é uma realidade⁴³ porque não se baseia em métodos, em prescrições médicas, mas na orientação de Deus, através das Escrituras. Nesse processo, o principal agente é o Espírito Santo, que através do conselheiro, semeia porções assertivas de texto bíblico em um coração predisposto, graças à empatia exercitada desde os primeiros momentos de aconselhamento, com resultados positivos. A transformação não pode ocorrer sem esperança.

A esperança como resultado, permite enfrentar provações ou tentações. Dentro do ambiente cristão, alguns distinguem provações de tentações pelo critério da finalidade. As provações, para alguns, são pedagógicas, enquanto que as tentações têm o objetivo de desacreditar o cristão. Entretanto, um exame mais atento concluirá que tanto as provações quanto as tentações são

⁴³ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.174.

pedagógicas para o aconselhado que aprendeu a discernir as realidades à luz da Bíblia e a compreender que todas as coisas cooperam para o bem dele. Sair de um aconselhamento bíblico munido de esperança é o normal desejável para qualquer aconselhado, uma vez que a esperança se baseia apenas nas promessas expostas nas Escrituras⁴⁴. A esperança produz fé e amor maiores, perseverança, alegria em tempos difíceis, confiança, estabilidade, consistência, energia e entusiasmo, pureza pessoal e um relacionamento mais próximo a Deus, segundo vários versos bíblicos.

Entende-se que a grande diferença entre as duas metodologias apreciadas nessa monografia em relação à esperança reside no receptor final de todo sentimento do aconselhado. Para aqueles que se engajam na metodologia do *coaching* em sua versão cristã, que será explorado mais adiante, a esperança repousará sobre cada princípio proposto e posto em prática, enquanto que no aconselhamento bíblico se fundamentará na autoridade das Escrituras e em suas promessas. Essas promessas promovem ruptura e engajamento.

2.1.7 – Despojamento e Revestimento

Parecer-se com Jesus não é sinônimo de impecabilidade ou mesmo a extinção dos maus hábitos de imediato. É preciso ser mais do que ouvinte, é preciso ser praticante das Escrituras. O aconselhamento bíblico caracteriza-se também como um processo no qual o aconselhado despoja-se do pecado e reveste-se de Cristo⁴⁵. Despojar-se nada mais é do que abandonar ou aparta-se de algo ou alguma coisa. O despojamento não pode ser visto como produto de duas fontes. Quando a mente se divide entre os conselhos bíblicos e as proposições das ciências sociais, o aconselhado está pondo em prática propostas antagônicas, em termos antropológicos. As únicas divisões plausíveis, são as que vem do conselheiro bíblico.

O processo de aconselhamento bíblico deve atuar em duas direções. O conselheiro deve dizer ao aconselhado tanto o que não se deve fazer, quanto

⁴⁴ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 107

⁴⁵ ADAMS, Jay E. Conselheiro capaz. São Paulo: Imprensa da Fé, 1982. p. 83

dizer o que se deve fazer, para que haja verdadeiramente o despojamento e o revestimento. O despojamento, segundo a doutrina cristã, dividirá a compreensão de vida da pessoa em dois tempos, o tempo antes de se tornar cristão e o tempo após se tornar adepto do cristianismo ou entre o tempo do pseudo-cristianismo e o cristianismo de fato. Concomitantemente, é preciso ajudar o aconselhado a identificar os padrões de comportamento ou de pensamento, para depois ser chamado ao arrependimento. Mas, para que esta mudança ocorra, é importante enfatizar que o processo de “despojar-se/revestir-se” acontece somente quando a pessoa está convencida de que a Palavra de Deus deve ser praticada, conforme o entendimento dessa metodologia.

2.1.8 – Prática Bíblica

A consciência de certo e errado não vem somente por meio somente de palavras, conversas e encontros, e sim, em grande parte, por meio de atividades, ou seja, além de ouvir, é preciso que haja prática bíblica, outra característica do aconselhamento bíblico⁴⁶. A prática bíblica tem, dentre outros benefícios, o de encorajar à dependência do Espírito Santo em detrimento das vontades humanas.

Ainda no campo da prática, além de uma mudança de postura na vida cotidiana, essa nova vida precisa ser alimentada diariamente e intensamente, para que a Palavra torne as pessoas felizes. É preciso conhecer as Escrituras tão bem que os corações se tornam celeiros cheios da verdade primaz para o correto discernimento da vontade de Deus. A leitura e memorização de passagens bíblicas, os estudos bíblicos, as leituras de obras de autores verdadeiramente cristãos, dentre outros, são formas saudáveis de nutrir a alma e abastecer a mente com propósitos corretos.

Entretanto, como o apóstolo Paulo afirmou em uma de suas cartas, que o pecado residia ainda nele, é preciso estar ciente, como afirmam as Escrituras, de que o pecado sempre estará à porta, cabendo ao aconselhado dominá-lo dentro de si. Para tanto, a consciência do aconselhado diante de suas fraquezas deve ser evita-las ou contorna-las. Nesse processo de crescimento, muitos

⁴⁶ BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 103

momentos desafiadores ainda acontecerão e produzirão desconforto que será atenuado mediante conversas francas e objetivas ao longo do processo de aconselhamento.

2.1.9 - Desconforto

O primeiro desafio, que não poderia ser deixado de lado, é quanto ao desconforto que o aconselhamento bíblico provoca⁴⁷. As pessoas preferem ser, quando muito, superficiais no aconselhamento. Isso é devido à particularidade que certos assuntos assumem. Falar de coisas delicadas é o mesmo que se despir diante de uma pessoa desconhecida. É como se a cada novo detalhe revelado, uma nova parte do vestuário fosse retirada. Então, um pouco mais de desconforto surge, até o ponto onde se deve decidir pela completa transparência informacional em favor de um estado posterior de refrigério.

Clinebell entende que os conselheiros devem encorajar as pessoas a falarem de momentos realmente importantes por meio de perguntas abertas e breves comentários gestuais⁴⁸. Ele ainda acrescenta que também é preciso ouvir e observar cuidadosamente mensagens não-verbais⁴⁹, ou seja, há posturas que evidenciam o estado de conforto ou desconforto. Entretanto, Morton Kelsey, autor de *Ministério Profético*, alerta para o fato de que poucas pessoas dirão o que realmente acontece com elas, se suspeitarem que serão julgadas⁵⁰. Por isso, a empatia e amor, vistos anteriormente, precisam fazer parte do aconselhamento, antes de qualquer coisa, para que o reconhecimento verbal dos pecados.

Nas Escrituras, o apóstolo Tiago mostra a necessidade da confissão quando conclama os cristãos para confessarem os pecados uns aos outros para serem curados, assim como o apóstolo Paulo propõe aos tessalonicenses quando os convida a se consolarem e se edificarem reciprocamente, exortando, admoestando os insubmissos, consolando os desanimados, amparando os

⁴⁷ PIERRE, Jeremy. O pastor e o aconselhamento: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. São Paulo: Editora Fiel, 2015. P. 74.

⁴⁸ CLINEBELL, Howard. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal, 1987. P. 89.

⁴⁹ CLINEBELL, 1987. P. 89.

⁵⁰ KELSEY, Morton. Ministério profético: psicologia e espiritualidade da ação pastoral. São Paulo: Paulus, 1998. P.111

fracos e sendo compassivos para com todos. Somente o completo pesar e confissão de pecados permitirão o desenvolvimento do hábito de responder e interpretar as situações por uma perspectiva cristã. Em outras palavras, em Cristo os aconselhados têm todos os recursos didáticos de que precisam para evitar atitudes contrárias aos ensinamentos bíblicos e viverem uma vida autenticamente cristã, caracterizada pelo conhecimento, autocontrole, excelência moral, perseverança e apoio mútuo, que vai muito além desta perspectiva humana.

2.1.10 – Perspectiva Eterna

Depois dos fundamentos e características do aconselhamento bíblico, o segundo e último desafio para o aconselhado é desenvolver uma nova maneira de olhar, interpretar e responder aos problemas com uma perspectiva eterna⁵¹. Importante ressaltar que nenhuma das dificuldades enfrentadas será minimizada ou espiritualizada, eliminando a responsabilidade humana. Essa nova maneira de olhar, segundo a doutrina cristã, baseia-se no entendimento de que sendo seguidor de Cristo, não se vive mais para o agora, mas pelo porvir, eterno, o que gerará um desprendimento do materialismo, evitando-se frustrações de ordem emocional ou espiritual. Entretanto, é inevitável que dificuldades sempre surgirão, mas à luz da eternidade, segundo as Escrituras, elas sempre serão menores, finitas e suportáveis, pois não se é pressionado acima dos limites humanos.

A perspectiva eterna foi abordada por último pelo fato de que se entende que ela é o resultado do exercício dos fundamentos e características do aconselhamento bíblico, exploradas anteriormente nessa investigação. A empatia, amor e esperança, como características primárias, aproximam o aconselhado da doutrina cristã. Em seguida, a cristocentricidade e a autoridade das Escrituras definem os padrões norteadores para a vida do aconselhado. Quando este decide seguir estritamente os conselhos bíblico-cristãos, começa a transformação da pessoa, cujo vida se desloca de práticas e conceitos anti-bíblicos para uma postura de vida predominantemente bíblica. E o

⁵¹ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.146.

aconselhamento cristão prossegue com a completa submissão aos preceitos bíblicos, evidenciados nas práticas bíblicas no cotidiano, que encontrarão desconfortos ocasionais, que, se trabalhados dentro de uma perspectiva cristã, resultarão num novo modo de consciência de vida, desprendida de materialismo e alicerçada em preceitos eternos. Todavia, os fundamentos, princípios e desafios supracitados do aconselhamento bíblico só serão eficientes e eficazes a partir de uma postura ímpar por parte do conselheiro bíblico.

2.2 – CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS AO CONSELHEIRO BÍBLICO

Neste momento, este estudo não abordará minuciosamente as características do conselheiro bíblico, haja visto não ser o objetivo central deste trabalho. Somente serão reunidas algumas proposições a título de complementar o tema principal, aconselhamento bíblico, como se verá a seguir.

Para Babler & Ellen, autores de *Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Aplicações Práticas*, o conselheiro bíblico deve avaliar a situação a partir da perspectiva do Reino de Deus, estudar e conhecer a fundo as Escrituras para discernir corretamente a maneira de pensar contrária a Bíblia, entender em que tipo de sabedoria o aconselhado se baseia para interpretar a vida, trabalhar diligentemente na exegese e na compreensão das Escrituras, ser capaz de aplicar o conhecimento da Palavra de Deus à situação que o aconselhado apresenta, identificar onde os conflitos são mais difíceis na vida de alguém, conseguir compreender adequadamente o cenário com base na sabedoria de Deus e, em seguida, aplicar a sabedoria adequadamente para corrigir aquela em que o aconselhado estava erroneamente confiando, além de fazer do coração o alvo do seu aconselhamento, admoestar adequadamente aqueles que são de fato culpados diante de Deus, a fim de que cheguem ao quebrantamento e ao arrependimento⁵².

Hindson & Eyrich, autores de *Nada Além das Escrituras*, acrescentam que o conselheiro bíblico deve deixar claro que o aconselhado é o único responsável haja visto o que afirma Jesus: “Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado

⁵² BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Trad. Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016. p. 92-103.

não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado⁵³, e que o conselheiro precisa da parceria com um médico, pois alguns clientes terão problemas médicos ou físicos significativos. O relacionamento com um médico interessado em aconselhamento bíblico pode ser cultivado ao longo do tempo como uma verdadeira parceria no aconselhamento bíblico para encaminhamento, consultoria, troca de ideias e comunhão⁵⁴. Jay Adams, em *Teologia do Aconselhamento Cristão*, dá o último ingrediente para um conselheiro bíblico eficaz, que é enfatizar sempre a adoração⁵⁵.

Entretanto, é preciso acrescentar a essa lista de características a de ser um exímio exegeta cultural, para que as aplicações bíblicas façam sentido para o aconselhado, uma vez que além da fé, a razão precisa fazer parte do processo. Uma exegese cultural eficiente sobre o aconselhado abrangerá também o seu estado físico, os recursos disponíveis, as ações, os conceitos e o contexto histórico, afim de se chegar à conclusões mais condizentes com a realidade.

A conclusão a que se chega é a de que o aconselhamento bíblico é imensamente eficiente e eficaz, pois executa procedimentos com qualidade ao mesmo tempo que trata as fontes dos problemas. Outro ponto importante a ser destacado, é que somente as Escrituras podem reivindicar ter a verdade absoluta, vinda diretamente de Deus, pois são verdades eternas e atemporais, diferentemente das metodologias recentes, como a versão cristã do *coaching*, frente ao aconselhamento bíblico.

Em tempo, deve-se enfatizar que o aconselhamento bíblico é pouco procurado porque a igreja não está ciente da amplitude e eficiência dessa prática. A consequência imediata desse desconhecimento é a aceitação de propostas integracionistas em sua constituição. Em muitos gabinetes pastorais, o aconselhamento é reduzido a uma conversa rápida e superficial, em grande parte devido ao fato dos membros não saberem o que esperar de um aconselhamento bíblico e também porque pastores não têm crido na suficiência

⁵³ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Jo 15.22.

⁵⁴ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. P. 172,190-191

⁵⁵ ADAMS, Jay E. Teologia do aconselhamento cristão. Tradução de Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2016. p. 112

das Escrituras como base para o aconselhamento⁵⁶.

Depois de esclarecer as definições do que é aconselhamento bíblico e as características de um conselheiro bíblico, esse trabalho analisará os princípios da versão cristã do *coaching*, preferindo partir de uma obra mais detalhada sobre o tema.

⁵⁶ HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018. p.19.

3 - PRINCÍPIOS DA VERSÃO CRISTÃ DO COACHING E SUAS APLICAÇÕES

Embora a *Enciclopedia del Coaching* descreva apenas nove princípios para o *coaching*⁵⁷, Tony Stoltzfus, autor de *Coaching de Liderança*, define que há cinquenta e três princípios para a versão cristã do *coaching*⁵⁸, que são divididos em nove categorias, permitindo a indexação dos assuntos que começam com definições, passam por estrutura e terminam com resultados esperados. Cada categoria e seus princípios serão abordados pretendendo esclarecer a constituição dessa versão do *coaching*, bem como sua real relevância para o indivíduo, grupo ou sociedade, de forma sucinta.

3.1 - OBJETIVOS

A primeira categoria trata das definições de objetivos. Invariavelmente, a primeira ação dentro do *coaching*, em sua vertente cristã, é sempre definir objetivos, ou seja, estabelecer um objetivo que se possa controlar⁵⁹. Lindner, em seu curso de formação para pastores e líderes cristãos, enfatiza que quando o cliente está no controle, isso é *coaching*⁶⁰, pois é preciso assumir responsabilidade e estar 100% no controle de sua meta, pois se alguma parte não está debaixo de sua mão, é vital mudar de direção⁶¹. Mudar de direção é a solução quando se estabelece objetivos que não possam ser alcançados, pois apenas sucesso gera sucesso⁶². Disso decorre que para se ter sucesso é primaz que se defina o melhor objetivo, que nada mais é do que aquele em relação ao

⁵⁷ WILSON, Carol. *Enciclopedia del coaching: Una guida completa alle migliori pratiche del coaching e della formazione*. Frosinone: Phasar Edizione, 2011. p. 34-37.

⁵⁸ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 301-304.

⁵⁹ STOLTZFUS, 2015, p. 301.

⁶⁰ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁶¹ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁶² STOLTZFUS, 2015, p. 301.

qual o cliente está mais motivado a trabalhar⁶³, pois a meta não pode ser ousada demais gerando desmotivação e nem fraca para que se torne irrelevante⁶⁴.

Esse ponto é extremamente relevante, independente do contexto, pois toda demanda exige uma resposta, que por sua vez, obriga a uma escolha, que requer senso crítico da situação e autoconsciência das próprias limitações. Nesse ponto a versão cristã do *coaching* é eficiente tanto para o contexto pessoal quanto o profissional, pois todos demandam traçar objetivos diariamente. Entretanto, em contraste com o aconselhamento bíblico, visto anteriormente, essa categoria não produzirá resultados satisfatórios, uma vez que a cura pode ser considerada um objetivo, mas o aconselhado não estará em condições de controlar a situação, como proposto acima. Por isso, alguns entusiastas do *coaching*, em sua versão cristã, afirmam que ele é para pessoas sadias. Voltando ao subtema em questão, a categoria seguinte é a coleta de dados.

3.2 - ESTRUTURA

Essa categoria adentra a estrutura do *coaching*, esclarecendo a postura de escuta e questionamento. De início, tem-se o momento de ouvir e questionar, que traz à baila, a necessidade de perguntar ao invés de dizer⁶⁵. Muitos líderes, segundo Lindner, estão paralisados por não saber perguntar, ou seja, fazer as perguntas corretas⁶⁶, pois o *coach* é um perguntador, que lança luz onde está escuro, através de perguntas poderosas. Mas, para elaborar boas perguntas é preciso desenvolver o hábito de ouvir. Gary Collins cita o uso de três tipos de habilidade de escuta por parte do coach. A primeira é a escuta informal que acontece durante qualquer atividade cotidiana. A segunda é a escuta ativa onde o ouvinte se concentra no que é dito. E a escuta intuitiva que detecta inconsistências, atitudes e emoções nas palavras ditas⁶⁷. O Dr. Joseph Umidi,

⁶³ Ibid, p. 301.

⁶⁴ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁶⁵ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 301.

⁶⁶ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁶⁷ COLLINS, Gary R. Christian coaching. Carol Stream: NavPress, 2009. P. 160-162

autor de *Jesus The Master Coach*, consciente desse padrão, extraiu dos evangelhos cem perguntas feitas por Jesus, com o intuito de afirmar que Jesus era um perguntador, ou seja, um *Master Coach*⁶⁸. Boas perguntas permitem coletar dados antes de se chegar a uma solução⁶⁹. Para tanto, o sucesso dependerá de uma grande quantidade de dados para assegurar o controle pleno de toda a situação. Lindner ainda aconselha a busca direta de informações da pessoa para se evitar equívocos de interpretação⁷⁰.

Outro aspecto dentro dessa categoria mais parece uma constatação, pois afirma que as pessoas têm uma boa razão para o que fazem⁷¹. Lindner afirma que a maioria das pessoas são autômatas, ou seja, fazem mecanicamente o que fazem, sendo isso um padrão comportamental a ser corrigido⁷². Adiante, aparece um aspecto relacional do *coaching* quando o que realmente importa é o que o cliente vê⁷³, pois é a partir disso que serão construídas perguntas eficientes para solução do problema. Lindner afirma que todo mundo que o cliente vê, todas as criações, todos os projetos, toda tecnologia, todo conhecimento, tudo que existe à sua volta, vem em primeiro lugar da sua mente e das suas construções⁷⁴. Daí derivam as perguntas a serem feitas ao indivíduo. Essas perguntas são construídas nos atos de ouvir e perguntar, pois não é possível tentar diagnosticar em 30 segundos um problema com o qual o cliente convive há 30 anos⁷⁵. Ouvir o máximo possível ao *coachee* ou aconselhado ajuda na elaboração de boas perguntas, além de criar o vínculo da confiança. Por isso, relacionamento é confiança, afirma Stoltzfus.

Várias características estão interligadas nessa categoria. Inicialmente,

⁶⁸ UMIDI, Joseph. *Jesus the master coach*. Virginia: Lifeforming Institute, 2019. p. 74-79.

⁶⁹ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 301.

⁷⁰ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁷¹ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 301.

⁷² LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁷³ STOLTZFUS, 2015, p. 302.

⁷⁴ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁷⁵ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

escutar e fazer perguntas são disciplinas relacionadas à confiança nas pessoas, uma vez que é necessário que haja um mínimo de confiança mútua para que as respostas sejam creditadas e o processo prossiga rumo à transformação desejada⁷⁶. Lindner sugere a técnica do espelhamento, que nada mais é do que usar familiaridades para facilitar o diálogo com a pessoa, utilizando suas próprias expressões⁷⁷. Nesse ponto, pode surgir a curiosidade por parte do *coach*, que não deve se render a um diagnóstico precipitado⁷⁸, uma vez que diagnosticar, segundo o *coaching* é um ato de presunção, pois é dar a resposta ao invés de conduzir o cliente à uma conclusão. A curiosidade em relação à certas afirmações pode mostrar um aspecto a investigar⁷⁹, que levará à boas perguntas, que levarão o cliente à reflexão sobre seu problema e solução⁸⁰. Curiosidade e intuição são sempre parceiras de caminhada, se desdobrando em perguntas eficientes na direção das repostas, pois mantem o cliente no comando, rumo à solução. Por último, a ordem é concentrar-se no que o cliente diz⁸¹. Para se ouvir bem o que o cliente está falando não se pode falar ao mesmo tempo ou pensar em outras coisas durante o aconselhamento. Nosso cérebro não consegue fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Deve-se desligar a conversa dentro de nossa cabeça, para ouvir com a máxima atenção⁸², afirma Stoltzfus. Percebe-se, nessa categoria, a visível insistência, beirando a redundância, quanto ao ato de ouvir e perguntar.

Em comparação com a metodologia abordada anteriormente, essa categoria mostra-se bem próxima do aconselhamento bíblico em termos práticos, pois também enfatiza a necessidade de ouvir e questionar para, em seguida, elaborar perguntas eficientes que agregarão dados importantes sobre a pessoa aconselhada. Por isso, o grande ponto que merece destaque é o cuidado do *coach* cristão em não interromper a pessoa em suas exposições, fortalecendo o vínculo de confiança e as informações coletadas. Entretanto, dois

⁷⁶ Ibid, p. 93.

⁷⁷ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁷⁸ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

⁷⁹ Ibid, p. 302.

⁸⁰ STOLTZFUS, 2015, p. 177.

⁸¹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

⁸² STOLTZFUS, 2015, p. 163.

princípios dentre os alistados estão em desacordo com a doutrina cristã, base para o aconselhamento bíblico. Esses princípios buscam justificar as atitudes do aconselhado, não como pecado, mas como padrão comportamental a ser corrigido. O pecado não é simplesmente um padrão comportamental, mas o produto de uma corrupção integral do ser humano, o que exigirá do *coach* uma postura mais cristã e menos voltada ao comportamento.

3.3 – O CORAÇÃO DO COACH

A partir desse ponto, passa-se a tratar do coração de um *coach*. Todo ser humano precisa conhecer-se melhor a cada dia. Primeiramente, o *coach* se diferencia pela forma como age, pois se uma pessoa tiver o coração de um *coach*, as habilidades surgirão naturalmente⁸³, uma vez que o crescimento *coaching* compõe-se de aprender e praticar os métodos para acreditar nas pessoas. Também é preciso ouvir, fazer as perguntas corretas e manter o cliente na posição de responsável, que é um princípio fundamental no *coaching*⁸⁴. A repetição contínua dessas disciplinas é que gera um coração *coach*.

Avançando nesse subtema, tem-se a afirmação que, o que o *coach* faz é resultado de quem o *coach* é⁸⁵. Esse princípio aponta para o fato de que o que o *coach* diz não mudará nada enquanto o *coach* não mudar, enquanto não tiver o que oferecer às pessoas ao redor. Esse aspecto leva a outro ponto, que assevera que a boca fala do que está cheio o coração, ou seja, o que o *coach* faz e fala dizem quem ele é de fato⁸⁶. Lindner concorda com essa afirmação ressaltando a necessidade de observar o que o *coach* faz e não tanto o que ele diz crer⁸⁷, sem se esquecer de que a versão cristã do *coaching* nunca julga o cliente em seu coração⁸⁸. Mais adiante propõe-se que as áreas em que Deus

⁸³ Ibid, p. 17.

⁸⁴ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁸⁵ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

⁸⁶ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 16, 81

⁸⁷ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁸⁸ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 208.

moldou o *coach* cristão mais profundamente serão também aquelas em que seu ministério terá a maior eficácia⁸⁹. Lindner discorda dessa afirmação, enfatizando que quanto mais recursos, conhecimento, formações e habilidades o *coach* tiver, mais Deus poderá usá-lo⁹⁰.

As habilidades canalizam o caráter⁹¹, afirma Stoltzfus. As habilidades potencializam a expressão do caráter, uma vez que aquilo que um *coach* dá aos outros vem do seu coração, pois as habilidades simplesmente servem como um meio para trazer o que essa pessoa tem de maneira mais impactante⁹², como por exemplo, o caráter, que é o produto da educação e aprendizado desde a infância⁹³, diz Lindner. O caráter, visto anteriormente, induz à conclusão de que técnica sem coração é manipulação⁹⁴, em razão de que, mais cedo ou mais tarde, as pessoas ou clientes perceberão que se está mais interessado nelas ou nos resultados que poderão produzir. É uma maneira elegante de tentar forçar os *coachees* a mudarem de atitudes⁹⁵. O último princípio dessa categoria, afirma que o importante é o cliente. Tudo que se diz e faz tem um único alvo, que é o *coachee*, o seu discernimento e tudo mais que lhe é importante, pois são suas forças motivacionais⁹⁶. Lindner chama isso de mapa, ou seja, é tudo aquilo que se acredita sobre si mesmo e sobre a vida⁹⁷, que exige do *coach* a habilidade de não julgar.

Analisando criticamente essa categoria chega-se à conclusão de que ela é antagônica ao que se exige de um conselheiro bíblico. O *coach* cristão lança mão de todos os métodos e técnicas mais recentes propostos pelas psicologias comportamentais para se chegar a um diagnóstico. Essa prática é conhecida como integracionista, pois não considera a Bíblia suficiente para as questões

⁸⁹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

⁹⁰ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁹¹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

⁹² STOLTZFUS, 2015, p. 62.

⁹³ LINDNER, Luiz. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. P. 89.

⁹⁴ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302

⁹⁵ Ibid, p. 92

⁹⁶ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

⁹⁷ LINDNER, Luiz. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. P. 87.

humanas. Conseqüentemente, os diagnósticos da versão cristã do *coaching* recebem embasamento bíblico conforme a possibilidade, comprometendo a mudança.

3.4 - TRANSFORMAÇÃO

Stoltzfus separa outra categoria, analisada brevemente, onde afirma que informação não produz transformação⁹⁸. Isso procede, pois o maior obstáculo ao crescimento e transformação é a motivação⁹⁹. As informações são necessárias para solução de problemas, mas, segundo Lindner, tem adoecido a sociedade, pois uma criança de nove anos tem mais informações do que um imperador antigo tinha durante a vida toda¹⁰⁰. A seguir, o autor afirma que são necessárias seis semanas para formar um hábito, mas, seis meses para torná-lo permanente¹⁰¹. Esse princípio está atrelado ao seguinte, que diz que uma habilidade pode ser aprendida em um dia, mas hábitos levam tempo¹⁰². Lindner, afirma que a repetição gera nas células memória que traz o desejo de repeti-las diariamente, introduzindo o hábito espontaneamente¹⁰³. Imediatamente após, o princípio seguinte, quarto, diz que transformação é uma questão de experiência e relacionamento, não de informação¹⁰⁴, ou seja, envolvimento com momentos de aprendizado da vida no contexto de um relacionamento de *coaching* transparente para produzir transformação duradoura¹⁰⁵. Lindner diz que esse *coaching* é comportamental porque usa avaliações, exame de valores, motivação, definição de metas mensuráveis, definição de plano de ação focado, o uso de ferramentas válidas e técnicas que ajudam o *coachee* a desenvolver habilidades e remover bloqueios mentais¹⁰⁶. Conseqüentemente, a mudança é

⁹⁸ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302

⁹⁹ STOLTZFUS, 2015, p. 128.

¹⁰⁰ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos. Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

¹⁰¹ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302

¹⁰² STOLTZFUS, 2015, p. 302.

¹⁰³ LINDNER, Luiz. *Profissional integrative systemic coaching*. Apostila de coaching cristão. P. 114.

¹⁰⁴ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 302.

¹⁰⁵ STOLTZFUS, 2015, p. 89.

¹⁰⁶ LINDNER, Luiz. *Profissional integrative systemic coaching*. Apostila de coaching cristão. P. 11.

mais uma função de apoio e motivação do que da informação, que é o quinto ponto¹⁰⁷ dentro dessa categoria. Mais adiante, afirma-se que a perspectiva do cliente tem dez vezes mais poder do que um conselho do *coach* cristão¹⁰⁸, pois a pessoa tem muito mais capacidade para identificar o problema-raiz em sua vida do que o *coach*, pois conhece suas habilidades, suas deficiências e seus anseios¹⁰⁹. Por último, tem-se que a reflexão é fundamental para a reprodução¹¹⁰, ou seja, a reflexão potencializa o aprendizado, pois a vida é um processo de desenvolvimento contínuo onde a versão cristã do *coaching* funciona porque leva a sério a agenda apresentada por Deus para transformação¹¹¹.

Assim como a categoria anterior, o foco permanece na pessoa aconselhada, que tem a missão de administrar o tempo a seu favor ou contra si mesma, pois o *coach* não tem responsabilidade alguma no processo do *coaching*. Isso vai na contramão do aconselhamento bíblico, pois as pessoas que buscam ajuda não estão motivadas, nem habituadas a identificar o problema-raiz de suas vidas. Tais questões terão de ser interpretadas e propostas pelo conselheiro cristão, pois o aconselhado não terá condições de refletir e se decidir com clareza, quanto ao que deve fazer. Portanto, permanece o desafio da responsabilidade pela solução do problema. A reflexão gera consequentemente a responsabilidade, que inaugura a próxima categoria, que trata de responsabilidade pessoal, desmembrada em mais seis princípios.

3.5 - RESPONSABILIDADE

Manter as pessoas responsáveis constrói capacidade de liderança¹¹² é o que afirma Stoltzfus. Quando é oferecido a uma pessoa um plano de ação, uma solução, ela tende a seguir os conselhos ao invés de liderar sua própria vida¹¹³. Desenvolver a responsabilidade das pessoas é uma técnica do *coaching* em sua

¹⁰⁷ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹⁰⁸ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹⁰⁹ STOLTZFUS, 2015, p. 179.

¹¹⁰ Ibid, p. 303.

¹¹¹ Idem, p. 90.

¹¹² Idem, p. 303.

¹¹³ Idem, p. 10.

versão cristã. Umidi diz que *coaches* são especialistas em mudanças que ajudam líderes a assumirem responsabilidades e agirem para maximizar seu próprio potencial¹¹⁴. Não há espaço para transferência de culpa em um relacionamento do *coaching*¹¹⁵, diz Stoltzfus. Esse princípio leva a outro, o de que líderes assumem responsabilidade por seu próprio crescimento¹¹⁶. Lindner até propõe em seu curso de *coaching* ministerial cristão que a pessoa disposta a caminhar com seu *coach* deve examinar-se enquanto declara: “Eu sou inteiramente responsável pelo meu estado atual, pelos meus resultados, e posso mudá-los agindo imediatamente para conquistar meu sucesso, meus sonhos e o estado desejado!”¹¹⁷. Em suma, a versão cristã do *coaching* não propõe soluções, e sim dialoga no intuito de levar o *coachee* a chegar às suas próprias conclusões acerca da solução dos seus problemas e a pôr em prática tais conclusões.

A seguir, afirma-se que as pessoas têm a capacidade de administrar responsabilmente a vida que Deus confiou a elas¹¹⁸. A vertente cristã do *coaching* sempre trabalhará acreditando que a pessoa tem a capacidade de administrar a vida que Deus lhe deu. Devido a isso, se restringirá a ajudar a pessoa a refletir e resolver seus próprios problemas¹¹⁹. Lindner também afirma que a pessoa pode resolver os problemas do seu jeito¹²⁰, ressaltando mais uma vez a responsabilidade pessoal. Esse princípio, conduz ao próximo, que também defende que a autoridade e responsabilidade andam juntas¹²¹. Segundo Stoltzfus é a pessoa que deve sofrer as consequências de suas escolhas, pois exerce o direito de escolher, uma vez que o *coach* não é responsável pelos resultados da pessoa. Lindner concorda e afirma que um princípio importante do *coaching* é assumir a responsabilidade e estar 100% certo, no controle do seu objetivo¹²². Mais adiante, tem-se que a prestação de contas saudável é

¹¹⁴ Idem, p. 21

¹¹⁵ Idem, p. 43

¹¹⁶ Idem, p. 303

¹¹⁷ LINDNER, Luiz. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. P. 25.

¹¹⁸ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303

¹¹⁹ STOLTZFUS, 2015, p. 35.

¹²⁰ LINDNER, Luiz. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. P. 21.

¹²¹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹²² LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

voluntária¹²³. Dentro de uma estrutura de apoio, a prestação de contas junto com o apoio e encorajamento do *coach* permitem a pessoa realizar seus objetivos e trabalhar com capacidade total. Lindner afirma ainda que a pessoa precisa se comprometer com o processo do *coaching*, pois tanto o *coach* quanto a pessoa, o *coachee* ou cliente, devem ser bastante ativos¹²⁴. Por último, assevera-se que não se pode ter autenticidade sem integridade¹²⁵. Lindner afirma também que na caminhada *coaching* é preciso demonstrar continuamente integridade, honestidade e sinceridade, e estabelecer acordos claros e mantê-los¹²⁶. Stoltzfus classifica a autenticidade como um dos dez valores bíblicos fundamentais do *coaching*¹²⁷ em sua versão cristã.

Como se percebe, a responsabilidade permanece sobre a pessoa aconselhada, com total isenção para o *coach*, o que, diga-se de passagem, é mais convidativo para muitos líderes cristãos na atualidade. Manter as pessoas responsáveis por administrar a própria vida é uma afirmação antitética à existência da própria vertente cristã do *coaching* e ao aconselhamento cristão. Responsabilizar-se e estar 100% certo no controle de sua vida, ou seja, completa autonomia, foi uma proposta feita, segundo a doutrina cristã, no livro de Gênesis aos primeiros habitantes do Éden. Disso se conclui que o *coaching* precisa repensar essa proposta para continuar se autointitulando cristão.

3.6 – O PAPEL DO COACH

Desse ponto em diante, na sexta categoria, os princípios se relacionam ao papel do *coach*, onde inicialmente se reafirma que o *coach* não é responsável pelo resultado do cliente¹²⁸. Stoltzfus assegura que

Não há lugar para transferência de culpa em um relacionamento de *coaching*. Se o que o *coachee* decidiu fazer não está funcionando, ele

¹²³ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹²⁴ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

¹²⁵ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹²⁶ LINDNER, Luís. *Professional integrative systemic coaching*. Apostila de coaching cristão. p. 203.

¹²⁷ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 88.

¹²⁸ STOLTZFUS, 2015, p. 303.

assume a responsabilidade e juntos vocês simplesmente corrigem o curso¹²⁹.

Lindner ainda reforça dizendo que o *coaching*, em sua versão cristã, só é *coaching* se tiver resultados¹³⁰. O princípio seguinte, o segundo, se baseia na passagem bíblica de João 5:19, extraindo a ideia de que só se pode fazer aquilo que se vê o Pai fazer¹³¹. Deus é quem inicia soberanamente o crescimento da pessoa, definindo sua agenda e motivando a nova direção. Lindner vai mais além e afirma que Deus pode usar a pessoa conforme os recursos, habilidades, conhecimento e formação que ela tiver¹³². Tais elementos contribuem para construção da agenda da pessoa, ou seja, a pessoa é quem estabelece sua agenda. O *coach* cristão concentra a conversa na agenda e a conduz à ação¹³³, ou seja, o foco central permanece na pessoa, pois ela é quem estabelece as mudanças, o objetivo, a solução e os passos. Lindner faz uso de uma ferramenta chamada *rapport*¹³⁴, que aceita o modelo de mundo da pessoa sem interferir nele¹³⁵. Mais adiante o autor afirma que é preciso seguir o discernimento do cliente¹³⁶, pois o mesmo é mais poderoso do que qualquer conselho do *coach*.

Quanto à proposição de que o relacionamento vem primeiro, depois a mudança, Stultzfus declara que:

Jesus nos vê com amor e convicção incondicionais em nosso destino. A liberdade que ganhamos com esse relacionamento incondicional nos capacita a mudar de dentro para fora, porque assim queremos, em vez de tentar ajustar a aparência externa para sermos aceitos. Primeiro vem o relacionamento, depois a mudança¹³⁷.

Mais adiante, voltado para o *coach*, defende-se que ele jamais deve retirar da pessoa a responsabilidade de fazer escolhas¹³⁸. Não deve haver transferência

¹²⁹ Ibid, p. 43.

¹³⁰ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

¹³¹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹³² LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

¹³³ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹³⁴ Rapport é uma palavra de origem francesa que significa literalmente “relação”. LINDNER, Luís. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. p. 70.

¹³⁵ LINDNER, Luís. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. p. 10.

¹³⁶ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 303.

¹³⁷ Ibid, p. 64.

¹³⁸ Idem, p. 303.

de culpa entre a pessoa e o *coach*. Lindner conclui que nas escolhas há ganhos e perdas em relação a outras alternativas ou mesmo ao momento atual¹³⁹. O *coach* também é chamado a construir líderes e não resolver problemas¹⁴⁰, pois assumir responsabilidades que são da pessoa impedem seu crescimento, enquanto que conduzi-las a estabelecerem suas agendas, objetivos, soluções e medidas faz com que aconteça o crescimento desejado em *coaching*¹⁴¹. Disso decorre a afirmação de que problemas são oportunidades¹⁴². Lindner afirma exatamente a mesma coisa, citando, inclusive, como exemplo, a história bíblica de Davi e Golias¹⁴³. Resolver problemas para os outros cria dependência, não capacitação¹⁴⁴. Mais uma vez deriva desse princípio seu subsequente, que afirma que as pessoas podem resolver seus problemas. A ênfase está na edificação da pessoa e não na solução de seu problema. Nisso se baseia o *coaching* transformacional cristão.

O princípio a seguir defende que o cliente pense¹⁴⁵. De maneira alguma o *coach* deve chegar à uma conclusão sobre um assunto no lugar da pessoa, pois lhe tirará a liberdade de pensar na solução, nos pontos decorrentes e nas possibilidades prós e contra. O *coach* deve investigar a situação, mas nunca dizer o que fazer¹⁴⁶. Tal afirmação concorda com Lindner que advoga que pensar é fazer e responder a perguntas¹⁴⁷. Entretanto, das perguntas malfeitas surgem as respostas simplistas, que podem levar a erros. Todavia, o *coach* não tem a missão de punir comportamentos e escolhas, mas auxiliar a pessoa a se levantar e voltar aos seus propósitos o mais rápido possível. Isso é usar da graça, mas não baixar o padrão, que compõe o último princípio dessa categoria.

¹³⁹ LINDNER, Luís. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. p. 134.

¹⁴⁰ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 304.

¹⁴¹ STOLTZFUS, 2015, p. 89.

¹⁴² Ibid, p. 304.

¹⁴³ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

¹⁴⁴ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 84.

¹⁴⁵ Ibid, p. 304.

¹⁴⁶ Idem, p. 206.

¹⁴⁷ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

A aplicação desses princípios contrasta com aconselhamento bíblico em vários pontos. Primeiramente, a questão de se obter resultados vai além do controle humano, pois a doutrina cristã afirma que é Deus quem tem o controle de todas as coisas. Em segundo, aceitar o conceito de mundo proposto pelo aconselhado é negar os preceitos bíblicos que afirmam a pecaminosidade humana, bem como conformar-se aos tempos e conceitos atuais. Em terceiro, como dito anteriormente, muitos aconselhados não estão em condições de decidir nem mesmo coisas simples, quiçá decidir os rumos de suas vidas. Essa prerrogativa, muitas das vezes, passa para o conselheiro cristão, que interpretará e proporá a solução para o problema. Em último, a versão cristã do *coaching* é antagônica, pois mantém o foco no cliente, ressaltando a impessoalidade dessa metodologia, que se mantém distante do indivíduo, mas que ao mesmo tempo propõe a construção de relacionamentos como forma de capital relacional.

3.7 – CONFLITO E CAPITAL RELACIONAL

Avançando para o capital relacional, sétima categoria proposta por Stultzfus para a vertente cristã do *coaching*. Esta, se subdivide em três princípios, ou seja, capital relacional é a construção de relacionamentos saudáveis em níveis profissional e pessoais¹⁴⁸, bem como sua influência. Stoltzfus defende a necessidade da pessoa construir um capital relacional para gastar quando precisar¹⁴⁹. O Dr. Gregório Martín de Castro, Ph.D. na Universidade de Madrid, define capital relacional como conjunto de conhecimentos que se incorporam na organização, fruto do valor agregado pelos processos de relacionamento que mantém com os públicos de interesse e com a sociedade em geral¹⁵⁰. O capital relacional é benéfico tanto para o *coach* quanto para a pessoa que está sendo acompanhada¹⁵¹. Em outro ponto, propõe-

¹⁴⁸ TIBOLA, Egber; BARBOZA, Maurílio. Líder coach cristão. Santa Maria: Rede de Empreendedores, 2020. P. 722.

¹⁴⁹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 304.

¹⁵⁰ BERENHOLC, Ilana. Cultive seu capital relacional: o que você deixa como marca em suas conexões? Revista Coach Brasil. Ed. 64. Disponível em https://revistacoachingbrasil.com.br/edicao/64/789_cultive-seu-capital-relacional-o-que-voce-deixa-como-marca-em-suas-conexoes. Acesso em 17 de novembro de 2021.

¹⁵¹ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 277.

se conservar o capital relacional para ocasiões realmente necessárias. Conservando o capital relacional, consegue-se avançar, inclusive, para o mundo *off-line*, ou seja, onde as conversas são presenciais e a qualidade dos contatos melhora muito. Em outras palavras, capital relacional vem de relacionamentos saudáveis¹⁵². Chegando ao último aspecto dentro dessa categoria, Stoltzfus conclui que se Deus pode conviver com as milhares de coisas erradas que vê na vida das pessoas, deve-se ser capazes de conviver com as poucas que se vê nas pessoas¹⁵³. Observa-se o fato de que Stoltzfus usa a expressão “coisas erradas” ao invés de “pecado”, que é própria da área teológica. Ele prefere usar um eufemismo para contrastar melhor com as demandas do *coaching* em sua versão cristã. Contrasta, mas não diminui os danos. Lindner, ao contrário, cita “pecado” quando trata sobre o tema de reuniões improdutivas¹⁵⁴ e também quando fala sobre padrões negativos, ou seja, comportamentos, atitudes, traços e admoestações aprendidos com os pais¹⁵⁵.

Essa categoria acomoda-se facilmente ao formato proposto pelo aconselhamento bíblico puro e simples, uma vez que mesmo chamando de capital o que o aconselhamento chama de amizade, ambos produzem o mesmo efeito. Entretanto, a afirmação de que Deus pode conviver com as milhares de coisas erradas, a saber, o pecado, que vê na vida das pessoas colide frontalmente com a doutrina cristã, pois se assim o fosse não haveria necessidade da encarnação de Jesus como homem. Assim sendo, o *coaching* em sua versão cristã atenua as proposições bíblicas em benefício da manutenção de seus princípios. Mas, ambos concordam que o aconselhado ou *coachee* precisa agir diante das proposições feitas pelo *coach* ou conselheiro.

3.8 – TOMADA DE DECISÕES

Chegando à penúltima categoria, composta por dois princípios, tem-se

¹⁵² BERENHOLC, Ilana. Cultive seu capital relacional: o que você deixa como marca em suas conexões? Revista Coach Brasil. Ed. 64. Disponível em https://revistacoachingbrasil.com.br/educacao/64/789_cultive-seu-capital-relacional-o-que-voce-deixa-como-marca-em-suas-conexoes. Acesso em 17 de novembro de 2021.

¹⁵³ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 304.

¹⁵⁴ LINDNER, Luís. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. p. 46.

¹⁵⁵ LINDNER, Luís. Professional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. p. 159.

que o princípio inicial reza que é mais importante transformar uma pessoa em uma tomadora de decisões do que vê-la tomar uma ótima decisão¹⁵⁶. A visão do *coaching*, em sua versão cristã, almeja o amplo em detrimento do singular. Stoltzfus diz que se as pessoas fizerem boas escolhas, elas foram influenciadas apenas naquela situação específica. Mas se o *coach* cristão as ajudar a crescerem em sua capacidade de fazerem ótimas escolhas, isso impactará todas as decisões que tomarão pelo resto de suas vidas. Lindner complementa e reforça que as tomadas de decisões também precisam ser ancoradas em informações seguras para a formação de um bom tomador de decisões¹⁵⁷.

Pelo que se percebe, o cunho humanista impera nesta categoria, dando contornos de total controle diante de uma situação, o que na prática, é uma utopia, levando-se em conta as situações que podem acontecer num curto espaço de tempo, mudando o destino das pessoas, que na doutrina cristã é interpretado como soberania de Deus. Aliás, as metodologias integracionistas costumam ignorar vários atributos de Deus, como poder, autoridade, justiça e santidade, o que culmina na construção de princípios onde o homem detém o domínio do seu destino, como se verá a seguir.

3.9 - DESTINO

Na última categoria, que trata brevemente do destino, tem-se três princípios, onde se percebe que Deus é tido como coadjuvante, tanto na concretização do destino quanto no julgamento dos meios através dos quais se atinge tais objetivos¹⁵⁸. Deus, na ótica destes últimos princípios, não muda o caráter do ser humano, não se importa com as atitudes e sim com o resultado final, uma vez que o destino só é possível em comunidade. Em outras palavras, é um deus *coach*.

Mais uma vez se percebe o humanismo declarado como base geral para a proposição acima. O ser humano está no controle de tudo e Deus observa de longe, aos moldes da doutrina deísta. Entretanto, essas alegações conflitam

¹⁵⁶ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 304.

¹⁵⁷ LINDNER, Luís. *Professional integrative systemic coaching*. Apostila de coaching cristão. p. 45.

¹⁵⁸ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 304.

frontalmente com a doutrina cristã e o aconselhamento bíblico, visto anteriormente. Nele, o aconselhado passa pelo despojamento e revestimento, o que em termos mais simples, é uma crescente mudança de caráter e de atitudes, o que é chamado pela doutrina cristã de “nova criatura”.

Vê-se depois dessa breve análise dos princípios da versão cristã do *coaching*, na obra de Stoltzfus, que o mesmo carece de bases mais sólidas em se tratando de adequação aos preceitos bíblicos, para se chamar cristão. Estes mesmos pontos serão analisados especificamente à luz das Escrituras mais adiante.

4 - ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA VERSÃO CRISTÃ DO COACHING À LUZ DAS ESCRITURAS

Dando seguimento à análise dos princípios do *coaching* em sua versão cristã, agora à luz das Escrituras, será utilizada a divisão proposta por Stoltzfus em sua obra¹⁵⁹, ou seja, em categorias subdivididas em princípios, as quais serão indexadas conforme sua proposição, iniciando com os objetivos da metodologia.

4.1 – OBJETIVOS

Como visto anteriormente, a proposta do *coaching*, em sua versão cristã, é nitidamente centrada no ser humano. A primeira divisão proposta por Stoltzfus trata do estabelecimento, condução e parâmetros dos objetivos a serem alcançados, que devem ser alcançáveis e motivadores. No entanto, a vontade humana como norteador supremo em todas as escolhas carece de bases bíblicas uma vez que o homem não é dono do seu próprio caminho como afirma Provérbios quando diz que o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR. Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito¹⁶⁰ e quando afirma que muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá¹⁶¹. O Novo Testamento também deixa clara a soberania de Deus diante dos planos humanos quando narra:

E Ihes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus Ihes disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus.

¹⁶²

E que alerta quando traz:

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós

¹⁵⁹ STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 301-304.

¹⁶⁰ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Pv 16.1–2.

¹⁶¹ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Pv 19.21.

¹⁶² [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Lc 12.16–21.

não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.¹⁶³

Percebe-se claramente que a proposta da vertente cristã do *coaching* quantos aos objetivos a serem alcançados desconsidera completamente a soberania de Deus e seus propósitos, tanto ocultos quanto revelados nas Escrituras. É o que se verifica na obra de Jones, pois distancia-se de questões teológicas, mas ainda sim cita diversas porções bíblicas como forma de dar peso às temáticas do cotidiano. Cita, inclusive, diversas ocasiões de trabalho e lazer, onde sempre encontra uma moral da história, para a qual destaca sempre uma passagem bíblica. Nitidamente vê-se que o *coaching*, em sua versão cristã, parte de seus próprios princípios, para só então, citar as Escrituras, ao invés de partir das Escrituras e construir seus princípios e argumentos. Umidi, por outro lado, faz uso das perguntas feitas por Jesus nos evangelhos, mas não do seu ensino composto também por exortações e admoestações aos seus discípulos, que constitui parte integrante da doutrina cristã. Ainda dentro da temática cristã, observa-se a postura soteriológica não-assumida do *coaching* autointitulado cristão. Percebe-se sua proximidade com a teologia anabatista, arminiana, e pelagiana¹⁶⁴, haja visto sua ênfase no livre arbítrio, contrapondo-se sutilmente à soberania de Deus e em algumas obras tendendo ao deísmo, ou seja, Deus é abstraído e separado do mundo e da humanidade¹⁶⁵, para que os objetivos partam do aconselhado, visando apenas o aval da divindade para a concretização do estado desejado. Mas, há pontos de convergência entre as metodologias de aconselhamento.

4.2 – ESTRUTURA E TRANSFORMAÇÃO

No segundo e quarto grupos de princípios, têm-se uma grande aproximação entre as partes, ou seja, entre o *coach* e a pessoa ou cliente ou *coachee*, devido à necessidade de interação entre fala e escuta, sendo ressaltada a necessidade de ouvir em detrimento do falar. Umidi afirma que quando Deus abriu-lhe os olhos, viu que os discípulos são feitos por diálogos,

¹⁶³ Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Tg 4.13–15.

¹⁶⁴ HOUSE, H. Wayne. Teologia cristã em quadros. Trad. Alderi S. de Matos. São Paulo: Vida, 1997. Pp. 12, 14, 93.

¹⁶⁵ BAVINCK, Herman. Dogmática reformada. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. P. 280

não monólogos¹⁶⁶. Essa prática tem respaldo bíblico na carta do apóstolo Tiago onde afirma “Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar”¹⁶⁷. Há muitas recomendações bíblicas sobre o perigo de se falar muito, tais como “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente¹⁶⁸”, “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira¹⁶⁹” e “Quem retém as palavras possui o conhecimento, e o sereno de espírito é homem de inteligência. Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios, por sábio¹⁷⁰”. Jesus afirmou “que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado”¹⁷¹. Entretanto, quando o *coaching*, em sua versão cristã, propõe que as pessoas têm uma boa razão para fazerem o que fazem e que o que importa é o que o cliente vê, desvirtua-se a autoridade bíblica, justificando a prática do pecado e ressaltando a autonomia humana frente às Escrituras.

O aspecto positivo nesse segundo ponto fica por conta da ênfase na necessidade de ouvir as pessoas e de fazer boas perguntas, também chamadas pelo *coaching* de perguntas poderosas. Como afirmado anteriormente por Collins, independente da metodologia em questão, ouvir é de suma importância, mesmo que seja praticada uma escuta informal, ativa ou intuitiva. Aliás, dentro da versão cristã do *coaching* há poucos registros de outra modalidade de escuta, a divina, que acontece no momento da oração. Nesse ponto, o *coach* precisa de um coração mais preparado.

4.3 – O CORAÇÃO DO COACH

Mais adiante, o autor propõe um autoexame, usando da expressão “a boca fala do que está cheio o coração”, citando em parte o evangelho de Mateus que diz “raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a

¹⁶⁶ UMIDI, Joseph. Jesus the master coach. Virginia: Lifeforming Institute, 2019. p. 11. Tradução nossa.

¹⁶⁷ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Tg 1.19.

¹⁶⁸ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Pv 10.19.

¹⁶⁹ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Pv 15.1.

¹⁷⁰ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Pv 17.27–28.

¹⁷¹ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Mt 12.36–37.

boca fala do que está cheio o coração”¹⁷². Quando também diz que técnica sem coração é manipulação, rapidamente pode-se relacionar à instrução paulina à Igreja de Corinto¹⁷³. No entanto, o coração, símbolo da sede dos sentimentos, citado como necessário na versão cristã do *coaching*, não pode ser entendido como tendo a mesma essência proposta pelo apóstolo Paulo, que é o amor. Pode-se entender o termo “coração” como “excelência, dedicação, propósito” por parte do *coach* cristão, uma vez que o próprio autor afirma que o alvo é o estado desejado pelo cliente, ou seja, uma postura que permita perceber onde se está, a direção a ser tomada e a confiança em si mesmo, no seu futuro e destino¹⁷⁴.

Umidi trouxe em sua obra 100 perguntas feitas por Jesus afim de mostrar a perfeita competência do Messias como *master coach*. Entretanto, o ministério de Jesus também está permeado de críticas aos religiosos da época, como se vê no capítulo 23 do evangelho de Mateus. Mas, como Jesus pode ser chamado de *master coach*, fazendo críticas aos religiosos, uma vez que o *coach* não deve corrigir as interpretações de mundo feitas pelo aconselhado? Conclui-se disso que a versão cristã do *coaching* não se espelha integralmente nos ensinamentos e posturas de Jesus que, além do mais, assumiu a responsabilidade por salvar os escolhidos, segundo a doutrina cristã. Assumir responsabilidade não é para o *coach* e sim para o *coachee* ou aconselhado, conforme afirmações anteriores nesse trabalho.

4.4 - RESPONSABILIDADE

No quinto grupo de princípios, a palavra-chave é responsabilidade, pois esta constrói capacidade de liderança, é assumida para o crescimento, inclusive diante de Deus. Também é parceira da autoridade, produzindo frutos como prestação de contas e integridade, na visão do autor. Tibola & Barboza chamam esse princípio de autorresponsabilidade, pois cada pessoa é responsável por seus resultados¹⁷⁵. Tal ênfase na responsabilidade pessoal é encontrada nas palavras do apóstolo Paulo, quando escreve à Igreja em Corinto, afirmando sua

¹⁷² Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Mt 12.34.

¹⁷³ Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), 1Co 13.1-13.

¹⁷⁴ LINDNER, Luiz. Profissional integrative systemic coaching. Apostila de coaching cristão. P. 10.

¹⁷⁵ TIBOLA, Egber; BARBOZA, Maurílio. Líder coach cristão: um guia prático para aplicar a metodologia do coaching e liderar melhor. Santa Maria/RS: Rede de Empreendedores, 2020. P.318.

responsabilidade diante de Cristo:

Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Porque de nada me argui a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.¹⁷⁶

Entretanto, como analisado anteriormente, a questão da responsabilidade ser do *coachee*, colide com o plano da salvação, onde é dito que o messias assumiu as consequências dos atos em favor dos seus escolhidos. Nesse ponto permanece o impasse dessa categoria da versão cristã do *coaching*, que é questionada por alguns integrantes da própria metodologia.

O pastor e *coach* Tiago Brunet é enfático ao afirmar que não existe *coaching* religioso ou evangélico. Segundo ele, o pastor cuida da alma da pessoa e tem a responsabilidade de direcionar o povo para eternidade. Já o *coaching* é focado na vida natural da pessoa, como educação financeira e inteligência emocional¹⁷⁷. Portanto, essa visão desse teólogo, defende que o *coaching* milita nas ambições e demandas do homem natural, a qual é antagônica às ambições do homem espiritual, como afirma o texto bíblico:

Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.¹⁷⁸

Nessa análise feita pelo teólogo supracitado, encontra-se um grande divisor de águas no que tange ao emprego ou utilidade do *coaching* em sua versão cristã. Reverberando essa distinção, concorda-se em parte com a proposição de que o pastor cuida das almas e o *coach* cuida de questões do homem natural, enquanto este não concorda com a suficiência das Escrituras para todo e

¹⁷⁶ Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), 1Co 4.1–5.

¹⁷⁷ ROCHA, Emerson. Pastor vira fenômeno na web com lições de coaching. Disponível em <https://pleno.news/pleno-entrevista/pastor-vira-fenomeno-na-web-com-licoes-de-coaching.html>. Acesso em 25/02/2022.

¹⁷⁸ Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), 1Co 2.14–16.

qualquer aconselhamento. Por isso, é preciso deixar claras as atribuições do *coach*.

4.5 – O PAPEL DO COACH

Avançando para o sexto grupo de princípios, que trata do papel do *coach*, o foco volta a ser o ser humano, para o qual toda e qualquer exortação, seja ela bíblica ou humana, deve ser deixada de lado em detrimento do discernimento do aconselhado, tido como o que é realmente importante. A responsabilidade e o discernimento da pessoa sempre devem dar a direção para as decisões do processo. Nesse ponto fica clara a desautorização das Escrituras frente à necessidade de exortação diante de posicionamentos duvidosos. A Bíblia é farta em textos que exortam à mudança, citando apenas alguns, temos Atos 11.23; 14.22; 20.2; Romanos 12.8; 2Coríntios 6.1; 1Tessalonicenses 2.3; 2.12; 4.1; 1Timóteo 5.1; 6.17; Tito 2.15, dentre outros.

É preciso aludir ao fato de que uma pessoa nem sempre consegue discernir corretamente a situação diante dela, muito menos decidir qual direção tomar. Percebe-se isso nas Escrituras quando se lê sobre homens como o profeta Elias e o profeta Jonas, que reagiram de forma contrária ao esperado. Mostrar a direção não é limitar uma pessoa. Todavia, muitos veem os ensinamentos das Escrituras como limitadores, ao passo que a realidade mostra que os ensinamentos bíblicos militam na contramão dos meios de clausura ideológica, pois a verdade liberta, poupa de conflitos e enriquece os relacionamentos humanos.

4.6 – CONFLITOS E CAPITAL RELACIONAL

No sétimo e penúltimo grupo de princípios, que trata de conflito e capital relacional, que nada mais é do que o relacionamento contínuo com as pessoas¹⁷⁹, a proposta caminha no sentido de valorizar os relacionamentos humanos. Entretanto, confronta as Escrituras quando afirma que se Deus pode

¹⁷⁹ VAZ, Caroline Rodrigues; VIEGAS, Cláudia Viviane; MALDONADO Maurício Uriona. Capital intelectual: como ser valorizado dentro das organizações. Fonte: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n21/17382104.html#uno>. Acesso em 04/03/2022.

conviver com as milhares de coisas erradas que vê na vida das pessoas, deve-se ser capaz de conviver com as poucas que se vê nas pessoas. A supremacia do estado desejado relativiza todos as atitudes inerentes à pessoa. As Escrituras são claras em relação a isso quando afirmam que “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”¹⁸⁰. Vários versos também reafirmam o antagonismo que existe entre o pecado humano e a santidade de Deus, pois tal relativismo não promove harmonia com as Escrituras, como se pode constatar nos versos como Salmos 11:5; 5:5; Hebreus 1:8-9; João 3:36; Efésios 2:3; Provérbios 6:16-19, dentre outros.

A solução para os conflitos e o ingrediente principal para o capital relacional, encontra-se na exortação do apóstolo Tiago, para que se seja ouvinte e também praticante dos ensinamentos bíblicos. Os conflitos permanecem somente quando as Escrituras não são postas em prática como também o capital relacional se expande na medida do amor e empatia aos demais seres humanos, conforme a doutrina cristã. Mas, para que isso aconteça, tudo depende das decisões tomadas.

4.7 – TOMADA DE DECISÕES

O último grupo de princípios trata da ação, da tomada de decisões. O foco está no longo prazo em detrimento de resultados pontuais. A proposta é uma transformação de atitudes frente às situações. Esse ponto parece se correlacionar com os escritos do apóstolo Paulo à igreja em Roma, pois afirma “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.¹⁸¹ Entretanto, fica em desacordo com sétimo grupo de princípios, que relativiza os pecados cometidos. Então, conclui-se que a transformação proposta não atinge a integralidade da pessoa, mas apenas alguns aspectos relacionados ao estado desejado.

Encerrando esse capítulo, tem-se a percepção de que a versão cristã do *coaching* faz uso superficialmente de alguns pontos das Escrituras, mas não

¹⁸⁰ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Mt 18.15.

¹⁸¹ [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Rm 12.2.

adere a uma aplicação teológica e bíblica. Não há comprometimento com uma vertente teológica, o que o torna fluído para se adaptar às diversas correntes teológicas mais recentes. Por isso, se faz necessária uma análise mais aprimorada das congruências e incongruências de ambas as metodologias nesse estudo.

5 - SIMILARIDADES E DISPARIDADES DA VERSÃO CRISTÃ DO COACHING FRENTE AO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

De início, é importante frisar que a versão cristã do *coaching* e o aconselhamento bíblico possuem características e público-alvo diferentes. Nesse trabalho acadêmico serão abordadas características gerais, não pretendendo esgotar as comparações, mas apenas abrir espaço para novos debates a respeito. Aspectos discutidos anteriormente também não serão reinseridos integralmente nesse ponto, afim de evitar possíveis redundâncias. As similaridades e disparidades foram resumidas a 7 pontos agrupados em 6 categorias, afim de facilitar as conclusões. Ao final desse tópico, um quadro comparativo poderá trazer mais clareza às proposições defendidas (Quadro 1).

5.1 – PERGUNTAS PODEROSAS

O *coaching*, em sua versão cristã, sempre enfatiza a grande necessidade de fazer boas perguntas ou perguntas poderosas para as próprias pessoas encontrarem a resposta. Essa resposta, em geral, é pautada nas próprias convicções da pessoa, sem necessariamente corresponder a uma conduta ou conhecimento cristãos. O aconselhamento bíblico também tem essa proposta, mas com um ponto distintivo, que é a resposta pautada única e exclusivamente nas Escrituras. O grande desafio da pós-modernidade é o baixo ou superficial conhecimento bíblico por parte das pessoas, o que leva necessariamente o conselheiro a assumir o papel de comunicador e de intérprete, propondo atitudes balizadas em textos bíblicos. Para tanto, é primaz discernir o público em questão.

5.2 – PÚBLICO-ALVO

Num segundo momento, em termos de público-alvo, tem-se que o *coaching*, em sua versão cristã, se auto indica para as pessoas sadias, enquanto que o aconselhamento bíblico busca tratar questões envolvendo o passado, com vistas à cura, muitas das vezes, não só espiritual, mas também física. Uma questão que surge é: “Existem pessoas sadias? ”. Partindo da antropologia bíblica, a resposta seria um estridente e sonoro “não”, pois como afirma o

apóstolo Paulo, "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus"¹⁸². Essa distinção fica mais nítida a partir da frase: "o pastor cuida da alma da pessoa e tem a responsabilidade de direcionar o povo para eternidade. Já a versão cristã do *coaching* é focada na vida natural da pessoa, como educação financeira e inteligência emocional"¹⁸³. Mas, quando uma pessoa torna-se verdadeiramente cristã, ela deixa de ser pessoa natural e passa a ser pessoa espiritual, segundo a doutrina cristã. Outro fator de distinção entre o *coaching*, em sua versão cristã, e o aconselhamento cristão reside no parâmetro tempo.

5.3 – O TEMPO

O terceiro ponto tratado é o tempo. Ambas as modalidades de aconselhamento divergem diametralmente nesse ponto. Uma trata do passado e a outra se concentra no presente e no futuro. O passado é de suma importância para o aconselhamento bíblico, pois ele é a chave para conduzir a pessoa a um estado melhor¹⁸⁴. Já na versão cristã do *coaching*, o passado é completamente ignorado¹⁸⁵, uma vez que o alvo não é cura física e/ou espiritual, e sim alcançar o estado desejado¹⁸⁶. Para alcançar o estado desejado é preciso munir-se dos métodos e filosofias do presente visando alcançar um objetivo fixado num futuro projetado pela pessoa. Para o aconselhamento bíblico, o presente depende da postura do aconselhado frente ao passado e o futuro permanece debaixo da soberania de Deus. Deus conhece todas as coisas, inclusive as dimensões do pecado, que fazem parte da constituição do homem.

5.4 – AS FALHAS

Mais adiante tem-se outro antagonismo. O *coaching*, em sua versão

¹⁸² [Almeida Revista e Atualizada](#) (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Rm 3.23.

¹⁸³ ROCHA, Emerson. Pastor vira fenômeno na web com lições de coaching. Disponível em <https://pleno.news/pleno-entrevista/pastor-vira-fenomeno-na-web-com-licoes-de-coaching.html>. Acesso em 04/03/2022.

¹⁸⁴ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 28.

¹⁸⁵ STOLTZFUS, 2015, p. 27.

¹⁸⁶ LINDNER, Luis. Curso de coach para pastores e líderes cristãos . Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>. Acesso em 10/07/2021.

cristã, fala de falhas, enquanto que o aconselhamento bíblico se debruça sobre a origem de todos os males humanos, o pecado. A razão para tal incompatibilidade se ancora no ponto anterior, onde o estado desejado é o foco, pois permanece como alvo futuro, enquanto que o pecado é um ato consumado, estagnado no passado. Além do mais, como citado anteriormente, alguns pastores discordam da assimilação do *coaching* pela teologia¹⁸⁷. O fato da versão cristã do *coaching* não discutir questões que, para muitos, são incômodas, torna essa metodologia mais atraente para pessoas, enche igrejas e enaltece líderes que fazem uso dela. Antagonicamente, o aconselhamento bíblico foca-se, como dito anteriormente, nas questões mais incômodas, com vistas ao aperfeiçoamento humano. Para tanto, abre-se a necessidade de proximidade, diálogo e confiança.

5.5 – OS DIÁLOGOS

No quinto ponto permanece a disparidade. O aconselhamento bíblico faz perguntas e dá conselhos, pois na grande maioria das vezes, as pessoas não conseguem lidar com o passado ou mesmo não sabem como agir com base nas Escrituras. Uma das razões para essa inércia diante do passado reside no desconhecimento da Bíblia, o que leva o conselheiro bíblico a assumir a dianteira, mostrando a direção e as ações a serem tomadas. Já o *coaching*, em sua versão cristã, também faz perguntas, mas não dá conselhos pois é a pessoa quem norteia a direção a ser tomada¹⁸⁸, tendo, em seguida, a responsabilidade de agir. O sexto ponto também deriva do quinto, pois trata da ação envolvendo as pessoas. Na vertente cristã do *coaching*, a pessoa é direcionada à possíveis soluções, mas os problemas não são resolvidos pelo *coach*. A responsabilidade permanece com a pessoa, o que não acontece com o aconselhamento bíblico. Diferentemente do *coaching* em sua versão cristã que faz uso de técnicas de programação neuro-linguística e outras ciências sociais para mostrar uma direção, o aconselhamento bíblico se pauta única e exclusivamente nas Escrituras, a qual, como dito anteriormente, é útil na medida do conhecimento

¹⁸⁷ ROCHA, Emerson. Pastor vira fenômeno na web com lições de coaching. Disponível em <https://pleno.news/pleno-entrevista/pastor-vira-fenomeno-na-web-com-licoes-de-coaching.html>. Acesso em 25/02/2022.

¹⁸⁸ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 50.

bíblico de, pelo menos, uma das partes envolvidas no aconselhamento. Conhecer as Escrituras é fundamental.

5.6 – AS ESCRITURAS

O último ponto comparativo entre a versão cristã do *coaching* e aconselhamento bíblico é concordante em suas propostas gerais, pois ambos fazem uso dos ensinamentos de Jesus. Essa concordância desaparece quando o assunto é interpretação. O aconselhamento bíblico entende que Deus falou sobre o homem e ao homem, sendo direcionado pelo Espírito Santo e utilizando métodos bíblicos¹⁸⁹. O *coaching*, em sua versão cristã, por sua vez, como dito em partes anteriores desse trabalho, faz uso de uma interpretação conhecida como alegórica. Essa interpretação foi popularizada por Orígenes (185-253 d.C.), o famoso e controverso Pai da Igreja egípcia. Originalmente, a adoção desse método foi para defender o caráter cristão do Antigo Testamento contra Marcion e sua influência¹⁹⁰. Por meio desta figura de linguagem, buscavam-se, dentre outros sentidos, o alegórico, visto como profundo e espiritual¹⁹¹. Em termos práticos, recentemente, esse método facilitou a adaptação das citações bíblicas às metodologias mais recentes. Outra característica da interpretação do *coaching*, em sua vertente cristã, é a apresentação descontextualizada de várias passagens, como por exemplo, Mateus 13:3-9, onde claramente se entende o simbolismo da semente como o evangelho pregado às pessoas, diferente do que se lê:

Dar conselho é como aquela velha semeadora. Quando diz às pessoas o que fazer, você lança sua semente em todas as direções – quem sabe se o indivíduo está realmente pronto para recebê-la? Seu conselho pode cair no caminho, onde a pessoa não entende de onde você o tirou; ou em solo rochoso, quando ela diz “Sim!” no início, mas não internalizou, não se comprometeu o suficiente com sua sugestão para levá-la até o fim quando as coisas ficam difíceis. Ou seu conselho poderia cair nas ervas daninhas, quando aquilo em que você está se concentrando não é o que o cliente quer mudar e outras prioridades o sufocam. Mas quando você presta *coaching*, sua semente sempre cai

¹⁸⁹ POWLISON, David. Crítica aos integracionistas atuais. In: POWLISON, David. Coletânea de aconselhamento bíblico. Vol. 1. Atibaia: SBPV, 2015. P. 89.

¹⁹⁰ GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir do antigo testamento. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. P. 86

¹⁹¹ GOLDSWORTHY, Graeme. Pregando toda a bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. Tradução Francisco Wellington Ferreira. 1. Ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013. P. 9.

em solo fértil porque seus *coachees* o levam ao ponto exato onde querem mudar e onde Deus está trabalhando em sua vida¹⁹².

A busca pelo casamento entre teologia cristã e *coaching* afim de consolidar a chamada versão cristã do *coaching* tem os mesmos princípios integracionistas, defendidos por vários autores citados nessa obra. Esses princípios são combatidos por conselheiros comprometidos única e exclusivamente com a Bíblia, como é o caso de David Powlison¹⁹³, autor de *Críticas aos Integracionistas*. Ele afirma que os integracionistas pretendem trazer para igreja o conteúdo intelectual e as práticas terapêuticas da psicologia, guardando uma consistência com a fé bíblica¹⁹⁴. Do mesmo modo, vê-se claramente que se tem trazido para dentro da igreja o conteúdo intelectual e as práticas de *coaching*, tentando manter uma consistência com a fé bíblica. Portanto, conclui-se que o aconselhamento bíblico, como o próprio nome afirma, baseia-se nas Escrituras para gerar os métodos bíblicos, enquanto que a versão cristã do *coaching* baseia-se em técnicas pautadas nas ciências sociais, buscando respaldo na Bíblia, ainda que comprometendo o significado único da Palavra de Deus. Abaixo, um resumo comparativo das metodologias:

QUADRO COMPARATIVO	
Versão Cristã do Coaching	Aconselhamento Bíblico
O aconselhado define objetivos que possam ser controlados	O conselheiro interpreta e define objetivos, pois o aconselhado não tem condições para isso
Faz boas perguntas para a pessoa encontrar a resposta, independente da fonte.	Faz boas perguntas para a pessoa encontrar a resposta, pautada nas Escrituras, se houver conhecimento bíblico suficiente
Para pessoas sadias	Para pessoas com problemas com o passado
Não importa o passado	O passado importa
Fala sobre falhas	Fala sobre o pecado
Faz perguntas, mas não dá conselhos	Faz perguntas e dá conselhos
Não resolve problemas, mas direciona para possíveis soluções	Busca resolver problemas pautado nas Escrituras
Faz uso dos ensinamentos de Jesus	Faz uso dos ensinamentos de Jesus

Quadro 1

¹⁹² STOLTZFUS, Tony. *Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão*. São Paulo: Coach Platform, 2015. p. 50.

¹⁹³ POWLISON, David. *Crítica aos integracionistas atuais*. In: POWLISON, David. *Coletânea de aconselhamento bíblico*. Vol. 1. Atibaia: SBPV, 2015. P. 89-107

¹⁹⁴ POWLISON, 2015, p. 89.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa acadêmica buscou mostrar, através de um estudo comparativo, as aproximações e distanciamentos entre a versão cristã do *coaching* e o aconselhamento bíblico. A disponibilidade bibliográfica, em português, sobre o *coaching*, em sua versão cristã, ainda é escassa, com várias considerações distribuídas em muitas fontes, as quais foram agrupadas nesse trabalho, de modo a produzir conclusões mais robustas e documentalmente embasadas. Mas, o grande desafio ainda permanece na esfera do alinhamento proposicional desta área, que se conserva fragmentado e multiconceitual.

Em relação às aproximações e distanciamentos entre o *coaching* em sua versão cristã e aconselhamento bíblico, por meio de um estudo comparativo, constatou-se que:

1. Ambos são praticamente incompatíveis, sob a ótica das Escrituras. Um é antropocêntrico e o outro é teocêntrico. A aproximação só acontece na medida em que se desconsidera o aspecto bíblico-antropológico e teontológico proposto pelas Escrituras. Quanto ao aconselhamento bíblico, as Escrituras permanecem suficientes para todo e qualquer aconselhamento;
2. Quando se leva em conta apenas o aspecto antropológico, é possível a utilização da versão cristã do *coaching* por líderes religiosos uma vez que perguntas poderosas podem levar pessoas à refletirem sobre si mesmas como parte de um problema. Outro ponto positivo do *coaching*, em sua versão cristã, reside no constante questionamento das interpretações de vida que as pessoas têm de si mesmas. Fazer perguntas poderosas e questionar com mais frequência, não necessariamente torna um aconselhamento bíblico em aconselhamento cristão, pois o conceito sobre as Escrituras e o *coaching* é que determinarão isso.
3. Sob a ótica das principais linhas teológicas, o *coaching*, em sua vertente cristã, não encontra abrigo dentro da teologia calvinista, que defende a salvação pela graça divina. Entretanto, a mesma versão cristã do *coaching* encontra espaço dentro das teologias anabatista, arminiana e pelagiana, uma vez que o livre-arbítrio é defendido e explicitado em suas proposições. Já o aconselhamento bíblico independe da corrente

teológica assumida, uma vez que, de maneira geral, a Bíblia permanece como regra de fé e prática em ambas as teologias;

4. Quanto ao aspecto interpretativo, a versão cristã do *coaching* encontra abrigo dentro de uma interpretação alegórica, que é bastante difundida entre as denominações pentecostais e neopentecostais, por defender a ideia de ocultar as verdades bíblicas dos incrédulos e revelá-las somente aos cristãos realmente espirituais. Por outro lado, a interpretação histórico-textual busca permanecer fiel ao significado dado aos primeiros ouvintes, extraído por meio de exegese e hermenêutica o sentido primordial da passagem e suas aplicações para o cotidiano, dificultando, portanto, a integração à teologia calvinista.

A metodologia comparativa utilizada foi bastante útil por permitir o encontro e o confronto de alegações de cada metodologia. Isso só foi possível graças a uma bibliografia diversificada contendo propostas plurais, cuja análise não pretendeu, nem mesmo foi esgotada nesse trabalho, mas iniciada nesta investigação, para robustecimentos posteriores. Por isso, esse estudo não pretendeu somente chamar a atenção da área acadêmica para a necessidade de se discutir metodologias adotadas recentemente pela sociedade e que têm avançado para a área teológica, mas, inaugurar um sentido de urgência nas análises de metodologias surgentes e ressurgentes dentro da sociedade, para o benefício do cristianismo.

CONCLUSÕES

A conclusão a que se chega através desse estudo comparativo é que todo e qualquer conhecimento humano desenvolvido com bases unicamente científicas para responder às demandas sociais, financeiras, profissionais, quando inseridos na teologia, produzem o enfraquecimento e a relativização de conceitos bíblicos. A razão é bem simples. Certas demandas sociais, financeiras, profissionais só conseguem subsistir se os conceitos bíblicos forem enfraquecidos ou relativizados.

É o que pôde ser constatado nessa investigação comparativa. Para que o *coaching* se tornasse cristão foi preciso converter a doutrina cristã ao *coaching* ao invés de extrair o *coaching* das doutrinas cristãs. Foi preciso enfraquecer ou ignorar a soberania de Deus e exaltar o controle do destino pelo homem. Foi preciso enfatizar o livre-arbítrio, fortalecendo o antropocentrismo em detrimento do teocentrismo ou cristocentrismo. Foi preciso ignorar os fatos históricos e os aspectos textuais das Escrituras para que as aplicações dos textos cristãos encontrassem consonância nos princípios do *coaching*. Foi preciso ignorar o pecado, inerente ao gênero humano, para que a ambição ou ganância ganhasse o status de virtude. Foi preciso ignorar o chamado ao arrependimento, a mudança de conduta e vida, em vários textos bíblicos, amplamente mostrado nas Escrituras, para trazer versos descontextualizados como base para criações humanas.

É inegável o fato de que o *coaching* tem seu espaço no âmbito empresarial e profissional. Mas, que também é preciso enfatizar o fato de que conceitos bíblicos já eram utilizados no ambiente empresarial muito antes do surgimento do *coaching*. Mas, nada impede que conselheiros bíblicos organizem suas atividades ministeriais com base no *coaching*, remodelem suas abordagens metodológicas, optando por perguntas poderosas, mas embasadas na Bíblia, tanto quanto passem a questionar mais incisivamente auto-interpretações de vida dos aconselhados, visando mudanças internas e externas.

O temor de alguns líderes é que aconselhamento bíblico também corre o risco se não permanecer bíblico ao adotar certas práticas propostas pelo *coaching*. É certo que o integracionismo permanece uma ameaça constante à suficiência das Escrituras, em parte por causa da recente e insistente ignorância

bíblica por parte dos cristãos dessa era pós-moderna, em parte também por causa do avanço de novas metodologias para dentro da teologia cristã.

Entretanto, analisando uma possível remodelagem de perguntas e questionamentos dentro do aconselhamento bíblico, chega-se à conclusão que muito antes do *coaching*, perguntas poderosas já eram feitas e questionamentos mais incisivos também. O público-alvo continua sendo o determinante para o uso do *coaching*, em sua versão cristã, ou do aconselhamento bíblico. Não é a proposta desse estudo impor uma metodologia em detrimento da outra, mas esclarecer as possibilidades, qualidades e limitações de ambas, afim de que o uso destas seja mais consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Jay E. Conselheiro capaz. São Paulo: Imprensa da Fé, 1982.
- Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993)
- BABLER, John; ELLEN, Nicolas. Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico e suas aplicações práticas. Tradução Maria Cecília Alfano. 1 ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2016.
- BAVINCK, Herman. Dogmática reformada. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BERENHOLC, Ilana. Cultive seu capital relacional: o que você deixa como marca em suas conexões? Revista Coach Brasil. Ed. 64. Disponível em https://revistacoachingbrasil.com.br/edicao/64/789_cultiveseu-capital-relacional-o-que-voce-deixa-como-marca-em-suas-conexoes.
- CLINEBELL, Howard. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- COLLINS, Gary R. Aconselhamento cristão. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- COLLINS, Gary R.. Can you trust psychology? Downer's Grove: InterVarsity Press, 1988.
- COLLINS, Gary R. Christian coaching. Carol Stream: NavPress, 2009.
- CONCEIÇÃO, Valmir da. Teologia da prosperidade: o banquete dos salteadores. Aracaju: J. Andrade, 2011.
- CRISTO, Leandro Nascimento. Coaching e mentoring: o caminho para resultados extraordinários. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- EMLET, Michael R. Conversa cruzada. Traduzido por Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- FEE, Gordon D. Entendes o que lê: um guia para entender a bíblia com o auxílio da exegese e hermenêutica. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- FONSECA, Raquel; MATTEU, Douglas de. Os segredos do coaching cristão. São Paulo: Literare Books International, 2017.
- GOLDSWORTHY, Graeme. Pregando toda a bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. Tradução Francisco Wellington Ferreira. 1. Ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.
- GOMES, Wadislau Martins. Aconselhamento redentivo. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

- GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir do antigo testamento. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019
- HINDSON Ed; EYRICH, Howard. Nada além das escrituras. Trad. Maria Cecília Alfano. 1.ed. São Paulo: Nutra Publicações, 2018
- JONES, Laurie Beth. Jesus coach. Traduzido por Aline Crippe. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- LINDNER, Luis. Formação em coaching para pastores e líderes cristãos. Disponível em <https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?src=sac&kw=coaching+para>.
- LINDNER, Luis. Professional integrative systematic coaching. Apostila de Treinamento Coaching.
- LOPES, Augustus Nicodemus. A inerrância da bíblia: curso fiel de liderança, 2018.
- LUONG, N. V. A.; WESTCOTT, T. G. Coaching as a model for pastoral leadership. Word & World, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 349–357, 2015.
- MINOR, Marianne. Coaching e aconselhamento: um guia prático para gerentes. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- OLIVEIRA, Ivan Carlo de Andrade de. Introdução à metodologia científica. Pará de Minas, MG: Virtualbooks, 2011.
- PAMPLONA, Pedro. Teologia do coaching – a substituta da teologia da prosperidade. 2017. Fonte: <https://doisdedosdeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>.
- PIERRE, Jeremy. O pastor e o aconselhamento: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. São Paulo: Editora Fiel, 2015.
- POWLISON, David. Crítica aos integracionistas atuais. In: POWLISON, David. Coletânea de aconselhamento bíblico. Vol. 1. Atibaia: SBPV, 2015.
- QUEIROZ, Silvia Helena Barreto da Silva. Coaching e aconselhamento pastoral: um diálogo possível? São Leopoldo: EST/PPG, 2015.
- ROCHA, Emerson. Pastor vira fenômeno na web com lições de coaching. Disponível em <https://pleno.news/pleno-entrevista/pastor-vira-fenomeno-na-web-com-licoes-de-coaching.html>.
- ROCHA, Jairo. Coaching Cristão: Para Discipuladores. São Paulo: Editora GP, 2016.
- SCHEEFFER, Ruth. Aconselhamento psicológico. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 1989.

- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). Teologia prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998.
- STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015
- STRECK, Valburga S. Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- STRONG, James, [Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong](#) (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).
- SZENTIMÁRTONI, Mihály. Caminhar juntos: psicologia pastoral. São Paulo: Loyola, 2001.
- TIBOLA, Egber; BARBOZA, Maurílio. Líder coach cristão. Santa Maria: Rede de Empreendedores, 2020.
- UMIDI, Joseph. Jesus the master coach. Virginia: Lifeforming Institute, 2019.
- VAZ, Caroline Rodrigues; VIEGAS, Cláudia Viviane; MALDONADO Maurício Uriona. Capital intelectual: como ser valorizado dentro das organizações. Fonte: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n21/17382104.html#uno>.
- WILSON, Carol. Enciclopedia del coaching: Una guida completa alle migliori pratiche del coaching e della formazione. Frosinone: Phasar Edizione, 2011.

GLOSSÁRIO

Aconselhado – pessoa que se submete a um aconselhamento.

Cliente – pessoa que se submete ao *coaching*. O mesmo que *coachee*.

Coach – pessoa que aplica as metodologias do *coaching* ao *coachee*.

Coachee – pessoa que se submete ao *coaching*.

Coaching – o mesmo que treinamento.

Conselheiro – pessoa que aplica as metodologias de aconselhamento.

Deísmo – doutrina que propõe que Deus criou o universo, mas não intervém nele.

Deísta – pessoa que crê que Deus criou o universo, mas não intervém nele.

Eclesiástico – pertinente às instituições religiosas.

Espelhamento – arte de copiar gestos, falas e pensamentos de uma pessoa.

Estado desejado – objetivo que a pessoa ou cliente ou coachee deseja alcançar.

Exegeta – pessoa que busca interpretar e esclarecer um texto ou situação.

Humanista – adepto do Humanismo. Movimento que valorizava o ser humano.

Offline – desligado da Internet.

Online – conectado por meio da Internet.

Ortodoxa – pessoa que segue rigorosamente qualquer doutrina estabelecida.

Rapport – capacidade de compreender o mundo de alguém, para estabelecer um vínculo de amizade.

Recrudescimento – o mesmo que surgimento com maior intensidade.

Utopia – lugar ou estado ideal, distante da realidade.

ANEXO A - 53 princípios fundamentais de coaching¹⁹⁵

Definição de objetivo

1. Estabeleça um objetivo que possa controlar.
2. Não estabeleça objetivos que não alcançará.
3. Sucesso gera sucesso.
4. O melhor objetivo é aquele em relação ao qual você está mais motivado a trabalhar.

Escuta e questionamento

5. Pergunte, não diga.
6. Colete mais dados antes de chegar a uma conclusão.
7. As pessoas têm uma boa razão para o que fazem.
8. Princípio ver/dizer: apenas porque vejo algo, isso não quer dizer que tenho de dizer o que vejo.
9. O que você vê não faz a mínima diferença; a única coisa que faz alguma diferença é o que o cliente vê.
10. Não tente diagnosticar em 30 segundos um problema com o qual o cliente está convivendo há 30 anos.
11. Escutar e fazer perguntas são disciplinas relacionadas à confiança nas pessoas.
12. Siga sua curiosidade, não seu diagnóstico.
13. Sua intuição não lhe diz que há um problema; mostra que aspecto investigar.
14. Desligue a “conversa” mental do seu cérebro.

O coração de um coach

15. Se você tiver o coração de um coach, as habilidades surgirão naturalmente.
16. O que você faz é resultado de quem você é. (O que você tem para oferecer vem de quem você é.)
17. A boca fala do que está cheio o coração.
18. As áreas em que Deus o moldou mais profundamente serão também aquelas em que seu ministério terá a maior eficácia.
19. As habilidades canalizam o caráter.

¹⁹⁵ STOLTZFUS, Tony. Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão. São Paulo: Coach Platform, 2015.p. 301-304.

- 20. Técnica sem coração é manipulação.
- 21. O que importa é o cliente, não você.

Transformação e mudança

- 22. Informação não produz transformação.
- 23. São necessárias seis semanas para formar um hábito; mas seis meses para torná-lo permanente.
- 24. Uma habilidade pode ser aprendida em um dia; hábitos levam tempo.
- 25. Transformação é uma questão de experiência e relacionamento, não de informação.
- 26. Mudança é mais uma função da motivação do que da informação.
- 27. A perspectiva do cliente tem dez vezes mais poder do que meu conselho.
- 28. Reflexão é fundamental para a reprodução.

Responsabilidade pessoal

- 29. Manter as pessoas responsáveis constrói capacidade de liderança.
- 30. Líderes assumem responsabilidade por seu próprio crescimento.
- 31. Temos a capacidade de administrar responsavelmente a vida que Deus confiou a nós.
- 32. Autoridade e responsabilidade andam juntas.
- 33. Prestação de contas saudável é voluntária.
- 34. Não se pode ter autenticidade sem integridade.

O papel do coach

- 35. Você não é responsável pelo resultado do cliente.
- 36. Só posso fazer aquilo que vejo meu Pai fazer.
- 37. O cliente estabelece a agenda; o coach concentra a conversa na agenda e a conduz à ação.
- 38. Siga o discernimento do cliente, não o seu.
- 39. Relacionamento vem primeiro; depois a mudança.
- 40. Esta é a linha que o coach nunca ultrapassa: ele jamais retira do cliente a responsabilidade de fazer escolhas.
- 41. Construa líderes, não resolva problemas.
- 42. Problemas são oportunidades.
- 43. As pessoas podem resolver seus próprios problemas.

- 44. Deixe que o cliente pense.
- 45. Ofereça graça, mas não baixe o padrão.

Conflito e capital relacional

- 46. Você constrói capital relacional para ter disponível e para gastar quando precisar.
- 47. Não use uma vara maior do que o necessário (consERVE seu capital relacional).
- 48. Se Deus pode conviver com as milhares de coisas erradas que vê em minha vida, eu devo ser capaz de conviver com as poucas que vejo em você.

Tomada de decisão

- 49. Estou mais interessado em vê-lo tornar-se um ótimo tomador de decisões do que em vê-lo tomar uma ótima decisão.
- 50. Se eu o ajudar a tomar uma ótima decisão, eu o terei ajudado hoje. Se eu o ajudar a se tornar um ótimo tomador de decisões, terei impactado todas as decisões que você tomar pelo resto de sua vida.

Destino

- 51. Caráter é um bem escasso e Deus não o desperdiça.
- 52. Deus está mais interessado em quem você está se tornando do que no que você está fazendo.
- 53. Cumprir seu destino só é possível em comunidade.